

# CÂNDIDO

BIBLIOTECA  
PÚBLICA  
DO PARANÁ

58

MAIO 2016  
[www.candido.bpp.pr.gov.br](http://www.candido.bpp.pr.gov.br)

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Leo Gibran



## Menos é mais

Uma nova geração de editores independentes aposta em estratégias ousadas e cria uma cena alternativa no mercado de livros



## EDITORIAL

A segmentação do mercado, intensificada nos últimos anos, também chegou ao setor editorial. Livros sob demanda, edições artesanais e novas estratégias de venda ganharam corpo a partir do surgimento de uma geração de editores independentes que hoje, com seus negócios, formam uma cena de microeditoras espalhadas por várias regiões do Brasil.

O **Cândido** entrevistou alguns desses profissionais, em sua maioria também artistas — escritores, poetas e designers. Motivados pela popularização da internet e de novas técnicas de impressão, eles acreditam que podem subverter regras do mercado editorial em benefício não só da viabilidade econômica do negócio, mas também da própria realização artística. Em outras palavras, são editoras profissionais, mas que mantêm o espírito livre dos antigos zines.

Dentro desse nicho, a editora Patuá é uma referência. Fundada há pouco mais de cinco anos, já conta com 350 títulos publicados. Seu editor, Eduardo Lacerda, percorre o país para lançar autores da casa (são pelo menos 10 eventos por mês). “A loja virtual representa uma boa parte do faturamento, mas eu dependo muito dos lançamentos para fechar as contas”, diz.

A proximidade entre escritores e o público consumidor, estratégias alternativas de distribuição e até a abertura de espaços para lançamentos e oficinas são recursos utilizados por editoras como Lote 42 (SP), Mondrongo (BA), Arte & Letra (PR) e Livrinho de Papel Finíssimo (PE), todas ouvidas pela reportagem.

Um dos precursores dessa geração, Sergio Cohn fundou a editora Azougue na metade dos anos 1990 e continua na ativa. Em texto escrito a pedido do **Cândido**, ele conta como se mantém fiel aos preceitos que o levaram a começar sua empreitada editorial

mesmo diante de desafios imensos para viabilizar o negócio.

A edição 58 do **Cândido** ainda traz outros conteúdos. Uma reportagem assinada por Marcio Renato dos Santos relembra os 100 anos de nascimento de Murilo Rubião, escritor mineiro que, mesmo com uma obra enxuta, composta por apenas 33 contos, marcou seu nome na literatura brasileira do século XX e é uma das principais referências da narrativa breve no país.

Outra autora já clássica, Adélia Prado, fala, em entrevista, sobre os 40 anos de *Bagagem*, seu livro de estreia. Em comemoração aos 80 anos da poeta,

a editora Record lançou recentemente *Poesia reunida*, que compila os oito livros de poesia da mineira publicados ao longo das últimas quatro décadas. No bate-papo, Adélia também revê seu percurso literário, fala de suas influências e do legado de sua poesia.

Na seção que apresenta bibliotecas particulares, o professor universitário Benedito Costa mostra seu acervo, constituído por obras literárias e livros de fotografia, cinema e artes plásticas. Entre os inéditos, conto de Deonísio da Silva e poemas de Gerson Maciel e Hildeberto Barbosa Filho.

Boa leitura.



### EXPEDIENTE

## CÂNDIDO

**Cândido** é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa  
Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani  
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira  
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:  
Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:  
Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:  
Kaype Abreu e Lucas de Lavor

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC  
Rita Solieri Brandt | coordenação  
André Coelho, Bianca Franco e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:  
André Coelho, Bianca Franco, Deonísio da Silva, Gerson Maciel, Hildeberto Barbosa Filho, Leo Gibran, Marcelo Sandmann, Marluce Reque, Murilo Basso, Rodrigo Ramirez e Sergio Cohn.

Redação:  
imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ  
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.  
Horário de funcionamento:  
Segunda à sexta, das 8h30 às 20h.  
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

## CURTAS DA BPP



## Fotografia para deficientes visuais

A Seção Braille da Biblioteca Pública do Paraná promove o segundo módulo da oficina de fotografia voltada para pessoas com deficiência visual. O trabalho é ministrado pela fotógrafa Juliana Stein (foto) e acontece uma vez por semana, às quartas-feiras, das 14h às 16h. As inscrições, sem custo, podem ser feitas pelo e-mail [inscricabraille@bpp.pr.gov.br](mailto:inscricabraille@bpp.pr.gov.br). O primeiro módulo ocorreu entre abril e dezembro de 2015.

Kraw Penas



## Desenho para crianças

A Biblioteca Pública do Paraná oferece curso de desenho básico destinado a crianças de 7 a 13 anos. As aulas serão ministradas por Everton Leite às terças-feiras, das 9h às 11h, e às quintas-feiras, das 14h às 17h, na Seção Infantil. A inscrição é gratuita e deve ser feita pelos telefones (41) 3221-4962 e (41) 3321-4980 ou diretamente na Seção Infantil da BPP. As vagas são limitadas.



Kraw Penas

## MIS reaberto

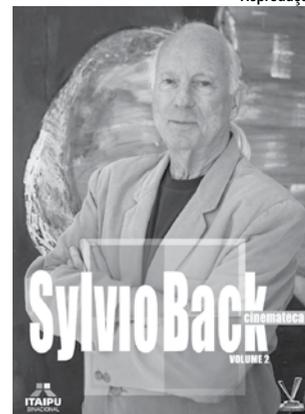
Após 13 anos fechado, o Museu da Imagem e do Som do Paraná (MIS-PR) volta a funcionar. O prédio foi reinaugurado em abril e, além da visitação, o público pode conferir uma exposição com objetos do acervo do museu. O investimento total no restauro foi de R\$ 2,16 milhões. Edifício sede do MIS-PR, o Palácio da Liberdade foi construído entre 1870 e 1890. É Patrimônio Histórico e Cultural tombado pelo Estado desde 1977. Já foi sede do governo e também abrigou outros órgãos públicos.

## MAC-MON

Está em cartaz, no Museu Oscar Niemeyer (MON) a exposição “MAC-MON: um diálogo”, com grandes obras dos acervos do Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR) e do Museu Oscar Niemeyer. As curadoras Estela Sandrini, diretora cultural do MON, Lenora Pedroso, diretora do MAC e Sandra Fogagnoli, coordenadora do planejamento cultural do MON, selecionaram obras de grandes proporções, como pinturas, instalações e tridimensionais. O público poderá ver obras de artistas consagrados, como Arcângelo Ianelli, Juliana Stein, Daniel Senise, Eliane Prolik, Emanuel Araújo, Ione Saldanha, Maria Bonomi, Abraham Palatnik, entre outros. No total são 55 obras expostas. Mais informações: (41) 3350 4400.

**MAC/MON**  
UM DIÁLOGO

Reprodução



## O cinema de Back

O escritor e cineasta paranaense Sylvio Back acaba de ter seus 12 longas-metragens reunidos na coleção “Cinematoteca Back”. Os filmes estão divididos em duas caixas, cada uma com seis DVDs. Especialista em alternar ficção e documentário, Back estreou na direção com *Lance maior* (1968). Também é autor de *Aleluia Gretchen* (1976), sobre uma família simpaticante do nazismo que se refugia no sul do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. O longa mais recente de Back é *O universo Graciliano* (2013), sobre a trajetória do escritor alagoano Graciliano Ramos.

## Luís Bueno organiza Santa Rosa

Um dos principais nomes da história da editoração e do design gráfico no Brasil, Tomás Santa Rosa (1909-56) teve parte de seu trabalho reunido no livro *Capas de Santa Rosa*. Organizada pelo professor Luís Bueno, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), a obra é composta por nove capítulos e detalha os primeiros trabalhos do artista, além de acompanhar o desenvolvimento de importantes coleções e projetos para a divulgação do romance brasileiro. O livro reúne cerca de 300 capas que, até então, se encontravam dispersas em sebos, coleções particulares e bibliotecas.

Reprodução



# Sem ponto final

Sentindo-se uma estreante aos 80 anos, **Adélia Prado** lança sua *Poesia reunida* e comemora os 40 anos de seu livro de estreia

LUÍZ REBINSKI

Divulgação | Record



Lançado há 40 anos, *Bagagem* (1976), primeiro livro de Adélia Prado, continua um marco. Maduro suficiente para Carlos Drummond de Andrade elogiá-lo à época do lançamento, segue como uma das melhores estreias poéticas da literatura nacional.

*Bagagem* e outros sete livros de Adélia podem ser conferidos em *Poesia reunida*, um tomo de 500 páginas lançado no final de 2015 e que reúne a produção de quatro décadas de uma das poetas mais importantes da literatura brasileira em todos os tempos.

É uma boa oportunidade para reler poemas antológicos da autora, como o despuadorado “Objeto de amor”, que pega o leitor de surpresa com sua ode ao ânus (“De tal ordem é e tão precioso/ o que devo dizer-lhes/ que não posso guardá-lo/sem que me oprima a sensação de um roubo:/ cu é lindo/ fazei o que pudes com essa dádiva/ quanto a mim dou graças /pelo que agora sei/ e, mais que perdoo, eu amo”). Além disso, como toda compilação dessa natureza, *Poesia reunida* serve para que o leitor avalie os caminhos e mudanças de rotas na carreira da poeta.

A leitura do conjunto de livros exalta os recursos estilísticos e a variedade de temas utilizados por Adélia ao longo da carreira. No entanto, é a religiosidade, sob viés mais metafísico que espiritual, que permeia toda a obra da autora. O que, no entanto, não reduz sua poesia à carolice. A cada virar de página, uma surpresa com a poeta do interior de Minas que consegue falar tão intensamente sobre tantas coisas, como casamento, família, cotidiano, etc.

Hoje com 80 anos, a poeta ainda se diz “uma caloura” ao ser perguntada sobre *Bagagem*, livro que a revelou. Com respostas curtas, ela comenta a seguir assuntos relacionados à sua poesia, como inspiração (“Qualquer coisa é a casa da poesia”), o aspecto mais fascinante da *Bíblia* (“Sua poesia”), a influência de Divinópolis em sua obra (“Arte não é enredo, é forma”) e a gênese de seus poemas (“Não sei responder”). Confira o bate-papo.

Seu primeiro livro, *Bagagem* (1976), foi lançado há quase quatro décadas. A coletânea foi saudada pela maturidade estética e de temas, mas também por ser o equivalente poético a um “romance de formação”. Hoje, com o distanciamento do tempo, que leitura a senhora faz daquela estreia?

*Bagagem* faz 40 anos agora. Foi uma alegria enorme escrevê-lo. Mas continuo estreado, sempre me vejo como caloura. Isso me dá descanso e ao mesmo tempo o gosto de escavar palavras quando à vista de um novo livro, como um garimpeiro. É sempre novo.

A senhora, desde o primeiro livro, sempre recebeu muita atenção da crítica e de outros grandes autores, como Drummond, Clarice Lispector e Affonso Romano de Sant’Anna, entre outros. Como lidou com essa expectativa e atenção recebida?

Estas “atenções” me confirmaram a suspeita íntima de que eu era mesmo poeta. Ganhei a carteirinha.

No conjunto de oito livros que compõe sua *Poesia reunida*, *Bagagem* (1976), *O coração disparado* (1978) e *Terra de Santa Cruz* (1981), os três primeiros, me parecem os livros mais “plurais” da senhora, que abarcam uma gama maior de assuntos (como relacionamentos amorosos, reminiscências da família e da infância), quando comparados ao restante de sua produção (talvez uma exceção seja *A duração do dia*). Isso faz sentido para a senhora? Como vê esse conjunto de livros?

Obra reunida é assim mesmo. Identidades de cada livro que se juntam para compor um livro só. Creio que um perfil possa unir suas singularidades. Todos se parecem sem anular o caráter de cada um.

No seu primeiro livro há dois poemas que fazem referência a Carlos Drummond de Andrade. Ele foi a principal referência para a senhora naquele momento?

Sim.

Em *Terra de Santa Cruz* há um poema muito curioso sobre a existência e utilidade dos mapas (“Legenda com a palavra mapa”). Tudo, para a senhora, é poesia?

Qualquer coisa é a casa da poesia. Ela é inclusiva por natureza. Há séculos Tomás de Aquino já ensinava: “Todo ser é belo”.

A *Bíblia* sempre exerceu uma grande influência em sua escrita. Para além da religiosidade, do cristianismo, o que mais a fascina no livro?

Sua poesia.

A religiosidade talvez seja o traço mais marcante de sua poética. Não teve receio de que isso fosse algo que interferisse demais em sua produção, a ponto de que outros aspectos importantes de sua poética (como o amor, a oralidade, a cultura popular, o cotidiano, a lembrança, etc.) fossem ofuscados?

Nunca. Ela, a poesia, pode falar sobre qualquer coisa ou sobre uma coisa só. Os

pintores que escolhem pintar apenas animais ou garrafas não por isso deixam de ser universais se são pintores de verdade.

Nos poemas “A vida eterna” e “A bela adormecida”, do livro *O pelicano* (1987), a senhora reflete sobre os 50 anos. Hoje, aos 80, acha que existe uma idade em que o poeta atinge o auge de sua forma?

Não gosto de ponto final. Amo os dois pontos. Há poetas que fizeram obras geniais aos 19 anos e depois pararam de escrever. Outros continuaram de maneira menos brilhante. Outros seguiram cada vez melhores. Não sei responder em que idade nada disso pode acontecer.

O cotidiano das cidades do interior é bastante marcante em sua poesia, principalmente nos primeiros livros, *Bagagem* e *O coração disparado*. Em *A duração do dia* a senhora publicou “Divinópolis”, poema em homenagem à sua cidade. Já imaginou como seria sua poesia se tivesse vivido em um grande centro? Morar em Divinópolis (MG) foi, de alguma forma, determinante em sua trajetória?

Minha circunstância é determinante apenas na casuística da obra, não na sua forma. Obras boas e más se escrevem na roça ou nas capitais. Arte não é enredo, é forma.

Sua poesia, para grande parte da crítica, se absteve em falar abertamente de política. No entanto, sempre

que tem oportunidade, em entrevistas, por exemplo, a senhora discorre sobre o tema. Como administrou esse assunto ao longo da carreira? Sentiu-se cobrada de alguma maneira, já que, assim como no início de sua vida literária, nos anos 1970, hoje também vivemos tempos de ânimos exaltados?

Repito que poesia não é tema. Não posso engajá-la em nada. Ela vem como vem e eu obedeço. Não tenho poderes nem vontade de torcê-la para nenhuma ideologia. Ela se recusa. Empaca como uma mula teimosa e, se me esforçar, faço um livro deplorável. Este equívoco vem do fato de se achar que o poeta é a fonte da poesia. Ele é só o “cavalo do santo”. Um livro “político” de poesia será bom se for primeiro um livro de poesia. Tudo para resumir assim: acredito em inspiração, não em esforço.

A senhora poderia falar um pouco sobre a gênese de seus poemas? Como eles surgiam no começo de sua carreira e como surgem hoje?

Não sei responder.

Acha que existem grandes diferenças entre a poesia escrita por homens e a produzida por mulheres?

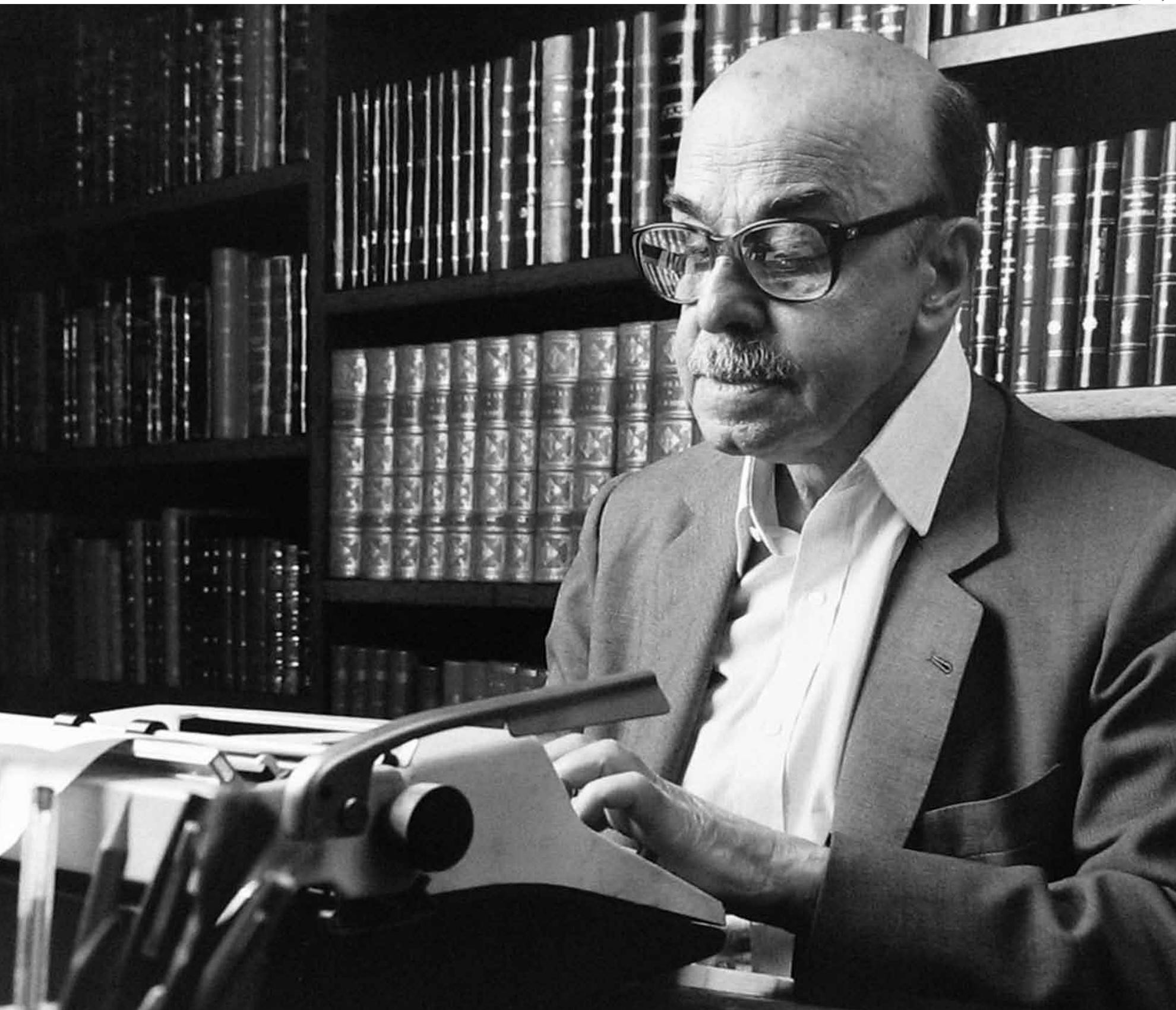
Nenhuma, se homem ou mulher estão fazendo poesia mesmo. A diferença, eventualmente, será na casuística do poema, visão do mundo, experiências.

Como a senhora gostaria que sua poesia fosse vista no futuro?

Como foi vista em seu começo. ■

## MEMÓRIA LITERÁRIA | MURILO RUBIÃO

Reprodução

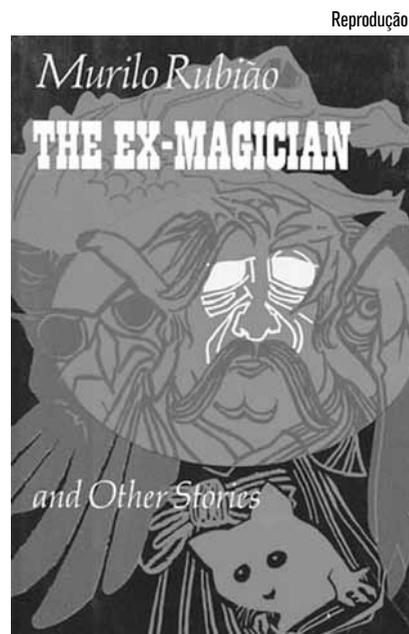


Murilo Rubião viveu a maior parte de sua vida em Belo Horizonte, trabalhou no serviço público, não casou e, no tempo livre, se dedicou a escrever contos.

# É fantástico!

Com apenas 33 contos, Murilo Rubião — considerado o pioneiro da literatura fantástica no Brasil — deixou um legado literário conhecido no circuito acadêmico e por escritores, mas que merece ser mais divulgado, principalmente em 2016, ano de centenário do seu nascimento

MARCIO RENATO DOS SANTOS



O contista mineiro teve a obra traduzida, entre outros idiomas, para o alemão, espanhol e inglês — esta imagem mostra uma edição norte-americana do livro *O ex-mágico*.

O nome de Murilo Rubião aparece ao lado de outros autores brasileiros considerados mestres da narrativa breve — dos clássicos Machado de Assis, Guimarães Rosa e Marques Rebelo, aos contemporâneos Dalton Trevisan, Sérgio Sant’Anna, Antonio Carlos Viana, Sérgio Faraco e Luiz Vilela. E o escritor mineiro entrou para o cânone da literatura brasileira escrevendo apenas 33 contos.

Mas o autor quase não é — atualmente — citado em jornais e revistas, apesar de que, de acordo com a professora da Universidade de Brasília (UnB) Ana Laura dos Reis Corrêa, a obra de Rubião é — desde a década de 1970 — continuamente estudada. “Ele é conhecido no meio acadêmico”, diz Ana Laura.

O professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Charles Kiefer afirma que Rubião não tem a obra tão divulgada, entre outros motivos, pelo fato de ter escrito apenas contos, gênero com menos relevância comercial do que o romance, mas também devido ao alto nível de sofisticação e opacidade de sua prosa.

“Em literatura, vale uma fórmula que sempre expresse em sala de aula, na PUC ou em minhas oficinas literárias particulares: quanto melhor o texto, menos leitores terá. Vivemos uma nova barbárie, em que o texto raso e insignificante tem a admiração de uma multidão de tolos, enquanto que o texto denso e consistente é lido por uma pequena casta de leitores com capacidade de sentir prazer com a literatura de qualidade”, comenta Kiefer, autor, entre outros, da novela *O pêndulo do relógio* (1984) e do livro de contos *Um outro olhar* (1992), obras que conquistaram o Prêmio Jabuti.

“Os contos de Rubião têm uma dicção própria, entre a melancolia e um sentimento forte de solidão. Seus personagens estão sempre a um passo do precipício, num intervalo de uma realidade a outra, à margem da história.”

Wander Melo Miranda

Reprodução



Murilo Rubião no inverno de 1957 em Madri, na Espanha, onde atuou como chefe do escritório de propaganda e expansão comercial do Brasil.

Agora em 2016, algumas iniciativas, sobretudo em Minas Gerais, celebram o centenário de nascimento do autor, dia 1º de junho. Ele foi homenageado na Bienal do Livro de Minas, realizada de 15 a 24 de abril em Belo Horizonte. Universidades mineiras devem promover debates a respeito do legado do escritor que publicou os livros *O ex-mágico* (1947), *A estrela vermelha* (1953), *Os dragões e outros contos* (1965), *O pirotécnico Zacarias* (1974), *O convidado* (1974), *A casa do girassol vermelho* (1978) e *O homem do boné cinzento* (1990).

### Mundo estranho

O professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) Audemaro Taranto afirma que Murilo Rubião é o único autor brasileiro que elaborou toda a sua obra literária dentro do fantástico, do absurdo, do surreal. E, de fato, basta ler ao acaso qualquer conto dele para se deparar com esse estranhamento que Taranto e outros definem como fantástico.

Em “O pirotécnico Zacarias”, o leitor não tem certeza se o protagonista está vivo ou morto. “Teleco, o coelhinho” traz um personagem que é um animal falante capaz de se transformar em coelho, girafa ou canguru. Já em “A armadilha”, Alexandre — inesperadamente — torna-se prisioneiro de um local de onde não conseguirá sair, nem em “um ano, dez, cem ou mil anos.”

O professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Wander Melo Miranda também acredita que é possível classificar como fantásticos os contos de Murilo Rubião. “Afim, fantástico é tudo aquilo que não existe na realidade, que segue uma lógica diferente daquela que estamos acostu-

mados no dia a dia, que causa surpresa e estranhamento”, explica.

Mas, Miranda faz questão de salientar, a ficção do contista mineiro é diferente, por exemplo, dos contos fantásticos europeus do século XIX ou da produção literária dos escritores do chamado *boom* latino-americano, como Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa e Carlos Fuentes: “Os contos de Rubião têm uma dicção própria, entre a melancolia e um sentimento forte de solidão. Seus personagens estão sempre a um passo do precipício, num intervalo de uma realidade a outra, à margem da história. Estão mais para Machado de Assis, herdeiros que são do delírio de Brás Cubas.”

Já Charles Kiefer, da PUCRS, diz que Rubião é o verdadeiro inventor do realismo mágico na América Latina, antes mesmo de Jorges Luis Borges e Julio Cortázar. “Eu chamaria de realismo mágico e não de fantástico. Rubião cria uma outra realidade, que não é deste mundo, mas que respeita completamente a verossimilhança interna, como propôs Aristóteles”, argumenta.

### Sobretudo bíblico

Os 33 contos de Rubião têm epígrafes bíblicas, com exceção de “Memórias do contabilista Pedro Inácio” que, além de uma frase do livro de *Jeremias*, também traz a citação de um texto de Machado de Assis. Audemaro Taranto analisa que as epígrafes da *Bíblia* não esclarecem tanto, mas dão o tom dos contos, “que vão para o trágico”.

“O lodo” começa com a seguinte frase bíblica: “Tu abriste caminho aos teus cavalos no mar, através do lodo que se acha no fundo das grandes águas.” No conto, o personagem Galateu é diagnosticado com um “imenso lodaçal” interior.



Publicada pela Companhia das Letras em formato de bolso, *Obra completa* traz os 33 contos por meio dos quais o autor entrou para o cânone da literatura brasileira.

“Como ele não escreveu muito, menos livros de contos do que os dedos das mãos, sugiro aos leitores do **Cândido** que tomem qualquer conto, e depois leiam outros, e verão a tensão, a intensidade e circularidade sempre presentes em seus textos.”

Charles Kiefer

Levando em consideração o comentário de Taranto, para quem as epígrafes dão o tom dos contos, em “O lodo” a citação inicial não apenas sugere o tema como também o rumo — trágico — da narrativa, uma vez que o personagem central recusa o tratamento, mas desconfia que talvez tenha mesmo um problema sério.

Cariba, o protagonista de “A cidade”, chega — por acaso — em um povoado, é condenado, e preso, pelos moradores do local por ser “a única pessoa que faz perguntas” em um território onde ninguém questiona nada. A epígrafe do conto, uma frase do livro de *Eclesiastes*, de alguma maneira, antecipa o enredo — e confirma a tese de Taranto: “O trabalho dos insensatos afligirá aqueles que não sabem ir à cidade.”

Em entrevista a Walter Sebastião, publicada dia 3 de junho de 1988 no jornal *Tribuna de Minas*, Rubião admitiu ler os textos bíblicos: “Toda vez que estou escrevendo um conto, procuro uma epígrafe na *Bíblia* e encontro, com facilidade, textos que quase explicam o conto. Eu não tenho uma preocupação com um valor moral da história. Deixo sempre as coisas bem em aberto. O fantástico tem sempre uma característica de ser uma crítica social.”

Anteriormente, em uma entrevista concedida à professora norte-americana Elizabeth Lowe, publicada na revista *Escrita*, em 1979, Rubião disse que, em algumas ocasiões, escrevia um conto sem pensar na epígrafe: “Quando chego ao seu final eu vou à *Bíblia* e acho-a lá, exatamente.” Em seguida, acrescentou que: “às vezes, pensando em fazer determinado conto, encontro imediatamente a epígrafe correspondente na *Bíblia*. Isso se deve à leitura excessiva, ou à releitura. Eu jamais sei se o meu conto começa ou acaba na epígrafe.”

### Machado e Kafka

Wander Melo Miranda observa que “Memórias do contabilista Pedro Inácio”, único conto de Rubião com duas epígrafes, uma da *Bíblia* e outra de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, evidencia “implicitamente” a influência do chamado Bruxo do Cosme Velho na ficção do prosador mineiro. A frase pinçada do romance de Machado é: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis.” E o conto, em alguma medida, está sugerido, anunciado e resumido na frase do autor de *Dom Casmurro*. “A epígrafe de Machado dá um tom humorístico em ‘Memórias do contabilista Pedro Inácio’”, diz Miranda.

Ana Laura dos Reis Corrêa lembra que as primeiras críticas apontaram para o possível impacto da obra de Franz Kafka na literatura de Rubião. “Na realidade, Machado de Assis, mais do que Kafka, é um dos alicerces do projeto literário de Rubião”, afirma Ana Laura, acrescentando que o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas* deixou “elementos latentes” do fantástico na literatura brasileira, “posteriormente desenvolvidos pelo contista de Minas Gerais”.

Em relação a Kafka, Rubião declarou, mais de uma vez, que conheceu a obra do célebre escritor tcheco anos depois de ter publicado o seu primeiro livro, *O ex-mágico* (1947). Em entrevista a Alexandre Marino, publicada no *Correio Braziliense*, dia 27 de agosto de 1989, Rubião comentou o assunto: “No início minha literatura foi comparada com a de Kafka. De fato minha literatura vem nessa linha. Mas se você observar para autores anteriores, verá que outros influenciaram Kafka, e mesmo que não tenham influenciado, usaram linguagem



A obra de Murilo Rubião já foi adaptada para o cinema e levada aos palcos. Esta imagem se refere a cena de uma peça *O amor e outros estranhos rumores*, dirigida por Yara de Novaes, a partir de 3 contos do autor, com Débora Falabella, Maurício de Barros, Rodolfo Vaz e Priscila Jorge no elenco.

parecida. Na verdade, Kafka não inovou nada. Essa coisa do real transformar-se em irreal já existia nos contos de fadas. Como as crianças são mais puras, sempre aceitaram isso tranquilamente. *A metamorfose* está aí, está na mitologia grega. Kafka pode ter tido essas influências, e também do Antigo Testamento, que é leitura obrigatória dos judeus. E também de outros escritores da admiração dele, como Edgar Allan Poe, que é um precursor do fantástico, como outros autores, numerosos, do século XIX.”

#### Domínio do conto

Botão-de-Rosa. Jadon. Aglaia.

Zaragota. Gérion. Epidólia. Petúnia. Esses são alguns dos nomes das personagens dos contos de Rubião. Wander Melo Miranda analisa que os nomes dialogam com o universo misterioso da ficção do escritor: “São muito sugestivos, de ressonâncias expressivas inesperadas: cada um é em si mesmo um núcleo de significados, um microrrelato.”

Ana Laura dos Reis Corrêa afirma que não é possível determinar como o autor elaborou o nomes dos personagens, que podem ter surgido em sonhos ou mesmo a partir da recriação de personagens bíblicos ou de mitologias. O importante, de acordo com a pesquisa-

dora, é o efeito que eles proporcionam. “Epidólia, por exemplo, concentra elementos insólitos e deixa o leitor em suspenso. O nome faz parte, enfim, do mistério ficcional que ele inventou” diz.

A especialista da UnB ainda comenta que os nomes pouco convencionais, “que não são aleatórios, mas fruto de reflexão e têm simbologias”, também dizem respeito à obsessão do autor em escrever e, mais que isso, em reescrever. Na já mencionada entrevista concedida ao *Correio Braziliense*, ao ser questionado se escrevia pouco, Rubião comentou o seu processo de trabalho e a sua estratégia de publicação: “escrevo muito e aproveito

pouco, e também publico pouco. Observando exemplos passados, percebo que é uma coisa inútil você ter uma obra extensa, que é uma ambição de todo escritor, para mais tarde ficar com apenas um ou dois livros que sejam realmente bons.”

A literatura de Rubião começou a ter, realmente, visibilidade em 1974, quando a editora Ática publicou *O pirotécnico Zacarias*, obra indicada para o vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com distribuição e ressonância em âmbito nacional — naquele momento, ele já havia publicado outros três livros. Até o fim da vida, em 1991, publicaria, ao todo, sete títulos — com inéditos e textos reescritos de livros anteriores. “Ele publicou 32 contos, mas no livro *Contos reunidos*, organizado por Vera Lúcia Andrade em 1998, há mais um, antes inédito: ‘A diáspora’. São, pois, 33 [textos de ficção] no total o legado do autor”, comenta Wander Melo Miranda.

“Como ele não escreveu muito, menos livros de contos do que os dedos das mãos, sugiro aos leitores do **Cândido** que tomem qualquer conto, e depois leiam outros, e verão a tensão, a intensidade e circularidade sempre presentes em seus textos”, comenta Charles Kiefer, recomendando a leitura dos contos “O mágico da Taverna Minhota”, “O pirotécnico Zacarias” e “O convidado”. “Um dos aspectos mais fascinantes dos contos de Murilo Rubião é que todos eles são absolutamente perfeitos, todos são obras-primas. Que quem não o lê, é como aquele sujeito da fábula que sonhou que encontraria ouro em terras distantes. Vendeu o seu terreno e partiu. E lá, no estrangeiro, ficou sabendo que o comprador de sua casa encontrou um enorme tesouro em seu quintal”, afirma. ■

## Trajatória no serviço público

Murilo Eugênio Rubião nasceu em Silveira Ferraz, cidade que hoje se chama *Carmo de Minas*, dia 1º de junho de 1916, e passou a maior parte de sua vida em Belo Horizonte.

Advogado, atuou na imprensa mineira, no jornal *Folha de Minas* e na revista *Belo Horizonte*. Mas a sua trajetória profissional foi em órgãos do governo. Em 1943, assumiu a direção da *Rádio Inconfidência*. Três anos depois, estaria no gabinete do interventor federal em Minas, João Beraldo. Foi nomeado diretor do serviço de radiodifusão do Estado em 1948. Em 1951, dividiu-se entre duas atividades: oficial de gabinete do governador Juscelino Kubitschek [foto] e diretor interino da *Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais*.

Em 1966, criou o *Suplemento Literário de Minas Gerais*, jornal de cultura que inicialmente acompanhava o *Diário Oficial do Estado* — referência em âmbito nacional até hoje em circulação, atualmente editado pelo escritor Jaime Prado Gouvêa. Além de entrevistas e reportagens, o *SLMG* desde o início se caracterizou por publicar ficção e poesia, de mineiros e também de autores de outros Estados. Uma década antes de criar o *SLMG*, esteve à frente do escritório de propaganda e expansão comercial do Brasil em Madri, na Espanha. Até se aposentar, em 1975, ocupou outros cargos relevantes.

Morreu, de câncer, dia 16 de setembro de 1991, aos 75 anos, na capital mineira.



Acervo de escritores mineiros UFMG / Reprodução

# O DIA EM QUE UM MENINO DESCOBRIU QUE O MUNDO ERA FEITO DE PALAVRAS

*Em nome daquele Deus em que vocês, leitores, e eu, autor, acreditamos, que é mais paciente com os maus do que com os néscios, porque estes o ofendem reiteradamente e sempre com mais gravidade, por serem incapazes de admirar a obra do Criador, e que só pioram porque com o passar da idade vão perdendo as poucas qualidades que têm, uma vez que a idade não melhora nada, como reconheceu um dia Simone de Beauvoir, que, casada com quem era, só podia achar isso mesmo.*

Tenho dificuldade de entender os ateus e os bobos. Eles não veem centelha divina alguma em figuras como Michelângelo, Beethoven, Fernando Pessoa, Machado de Assis ou num quadro de artista que diz mais do que podemos expressar.

Sei que é difícil definir certas coisas, é complicado designar tudo o que vemos, ouvimos e o que porventura brota no calor da hora, sem que saibamos como denominar. Mas, ao mesmo tempo, sei que algumas religiões têm centenas de palavras para identificar a Deus. Os árabes têm 499 nomes diferentes para esta divindade que adoramos, e seus primos, os judeus, têm apenas uma meia dúzia: Emmanuel, Adonai, Jeová, Eloim etc.

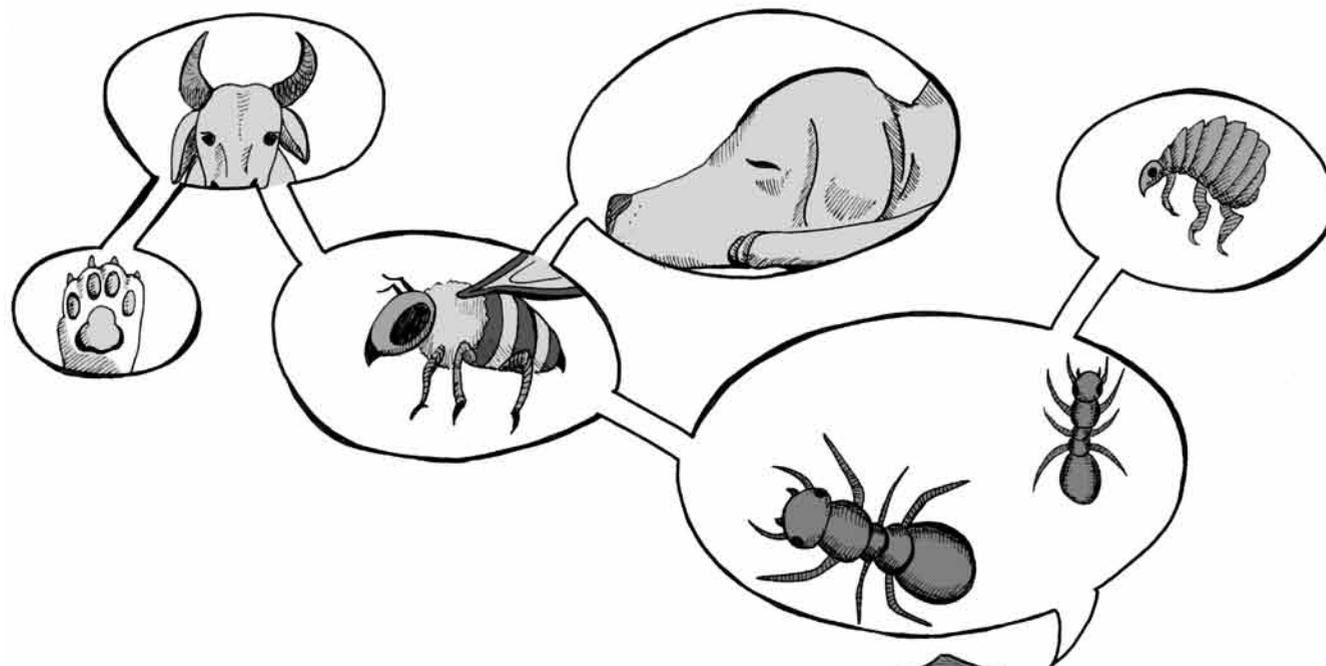
Meu nome é este pelo qual vocês me conhecem. Também não tenho um nome apenas, ainda que alguns deles sejam caracterizados como apelidos. Quem é o verdadeiro ser que se oculta sob um nome? No meu caso, depende, pois é certo que sempre procuro ser o ser pelo qual me identificam. E assim meu nome fica sendo como o do Outro — que Deus me perdoe — Legião!

Dizem que eu nasci em Siderópolis, designada por palavra composta de étimos latino e grego, ainda que tenha sido fundada por italianos desanimados com a terra natal, que para cá emigraram.

E por que eu não posso atestar que nasci em Siderópolis? Simples. Porque eu não sei se estava lá...Claro que

peçoas de confiança me contaram que eu estava, como minha mãe e me pai, mas para isso é preciso ter fé.

Por exemplo: meu pai não estava em casa. Ao chegar do trabalho, eu já tinha nascido. O testemunho de minha mãe é mais confiável. De todo modo, sempre lembro o que disse o filósofo Bertrand Russel, que, viajando num trem que atravessava um grande campo, onde ovelhas pastavam, respondeu a um rapaz que chamou a atenção do cientista para ele admirar também o quanto aquelas ovelhas eram lanhudas: “Pelo menos do lado de cá”. O homem só acreditava no que podia comprovar, ao contrário de mim, que acredito em tantas coisas, até mesmo que minha mãe não se enganou ao dizer que eu nasci



em Siderópolis. E, mais do que isso, que nasci dela! É que, podem rir de mim, acredito também em dicionários!

Vejam, leitores, pensem comigo sobre este fato transcendental. Você é chamado das misteriosas brumas do não-ser para o ser, sem que jamais entenda quais os desígnios secretos que levaram uma força desconhecida a que chamamos Deus a te puxar lá daquelas profundezas. E por que em 1948? E por que em Siderópolis? E por que aqueles pais, com aqueles irmãos, aqueles vizinhos, aquelas companhias, aquelas dificuldades etc.? Ninguém sabe!

Bem, depois que nasci, já crescidinho, me deram por mudo. Pois eu demorava a falar. Passou-se mais um tempo, porém, e eu desandei a falar com uma desenvoltura impressionante. Gagnei logo o apelido de maritaca. Meu pai, operário qualificado e muito querido pelos engenheiros da Companhia Siderúrgica Nacional, por sua enorme criatividade, conversava de igual para

igual com eles, sem demonstrar submissão e fazendo questão de proclamar o quanto os admirava.

Compareci a alguns destes encontros. Eles jogavam sinuca. Meu pai ficava sentado no bar, apenas observando desanimado, sem entender o encanto que poderia ter aquele jogo. Ele não tinha admiração por jogo nenhum.

Com o tempo, participando das conversas de meu pai com os engenheiros, e também com os seus colegas de trabalho, passei a dominar outro tipo de jogo: o jogo das palavras. Tornei-me menino habilidoso na arte de entreter os adultos com respostas inesperadas, que entretanto eu as dava sem sequer imaginar que fossem inesperadas. Dava as respostas que me vinham à mente, sem indecisão alguma.

Eu falava de formigas, de abelhas, de pulgas, de insetos, de cachorros, de gatos, de bois, de passarinhos, de porcos, do meu tio, das minhas tias, enfim destas outras vidas que nos rodeiam desde a mais tenra idade.





Os engenheiros falavam de grandes cidades, mas eu só conhecia Siderópolis. Na verdade, conhecia melhor a localidade de Rio Fiorita, em cujas margens brincava com outros de minha idade.

Aos quatro anos, um dos engenheiros, que era bagdali, isto é, nascido em Bagdá, disse de mim: “Este menino, se tivesse nascido na minha terra, seria califa, vizir, paxá, não seria poleá.” “Mas por quê?”, perguntou meu pai. E meu avô italiano, que tinha lido Dante Alighieri no original e era desbocado em tudo, ao contrário de meu pai, sempre delicado no modo de falar, perguntou: “Mas que fez o menino para merecer tamanho desprezo de vocês?”.

O engenheiro de ascendência árabe ficou perplexo: “O senhor acha que califa, vizir, paxá e poleá são maus destinos? Poleá, sim, mas os outros três, não”. “Acho”, disse meu avô. “E por quê?” “Porque eu não sei o que são”. “O que são?” “É. O que significam?”. Foi quando tocou a campainha para voltarem ao serviço.

À noite, e eu tinha quatro anos, meu pai e meu avô foram à casa do padre para perguntar o que era califa, vizir, paxá e poleá. E me levaram junto com eles. Eu já era conhecido por lidar bem com as palavras, inclusive com aquelas que tinha às vezes aprendido na véspera do dia em que perguntavam. Vovó falou: “memória prodigiosa”. Eu não sabia o que

era prodigiosa. Memória, eu sabia. Era recordação, mais ou menos. Prodigiosa, aprendi, vinha de prodígio. Prodígio era o que fazia um malabarista: jogava cinco pedaços de pau para cima e não deixava nenhum deles cair no chão, e por fim pegava todos com as duas mãos e ia começar aquele jogo em outro lugar, para outras pessoas.

O padre era gordo, parrudo e vermelho. Estava tomando um copo de vinho e olhava guloso para a empregada da casa canônica. Quer dizer, meu pai achou que não, mas meu avô era muito sem-vergonha e disse que sim. Eu ainda não podia achar nada daquilo.

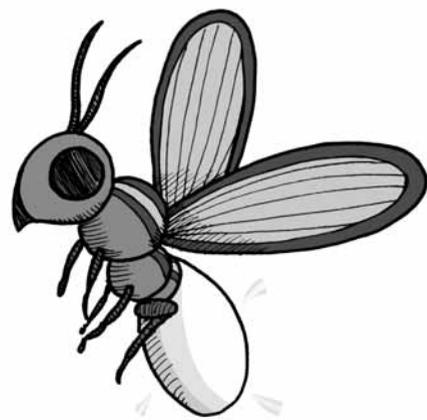
“Também não sei, vamos procurar no dicionário”, disse o padre. Enquanto se dirigia à estante, foi explicando. “Este dicionário, o primeiro do Brasil, foi obra de um padre, o padre Rafael Bluteau. Ele era tão puro de coração e tão bondoso que se recusou a registrar a palavra caga-lume. Preferiu pirilampo, tocha de fogo, como as partes usadas do grego para compor a nova palavra deixam claro que seja o significado. Mas o editor não aceitou, por ser palavra de uso muito raro. E queria manter cagalume, nesta época escrito sem hífen. Onde já se viu dar um nome obsceno a uma criaturinha de Deus que brilha na escuridão, piscando, piscando, piscando? Cagalume, onde já se viu? Mas enfim o padre Bluteau era esperto e escreveu vaga-lume, e o editor aceitou. E

o povo logo trocou cagalume por vaga-lume, quase sem querer, pois eram parecidas, e dali por diante todo mundo achou que se alguém falasse cagalume é porque tinha se enganado. E a palavra cujo significado vocês queriam, qual é, mesmo?”. “Califa”, disse meu avô, a primeira que não sabemos é “califa”. “Ah, sim, vamos ver como está escrita aqui no dicionário. Porque deve ser com y e ph.”.

Pigarreou um pouco, deu uma tragada, agora vimos que o cigarro de palha estava quase apagado na mão dele, e disse: “Está aqui: calypha. Escrita como eu disse. É uma autoridade religiosa e temporal. O mandão dos muçulmanos, tal como o Papa é para nós. E quais são as outras?”. “Vizir, poleá e paxá”, disse meu pai.

O padre explicou que tinha de consultar de trás pra frente. “Não sei se vocês sabem, nos dicionários primeiro vamos procurar paxá, depois poleá e por fim vizir. É a ordem natural das coisas, também chamada de ordem alfabética, a mais justa que se conhece”.

“Vamos, então, a paxá, depois a poleá e por fim a vizir”, disse o padre. “Vejam aqui”, e ele começou a folhear adiante: “Paxá é quem tem em excesso aquilo que tanta falta faz a nós, celibatários: mulheres. Paxá é quem tem muitas e tem um alto cargo no império otomano para poder sustentá-las, que uma mulher só já dá muitas despesas, imagine muitas!”.

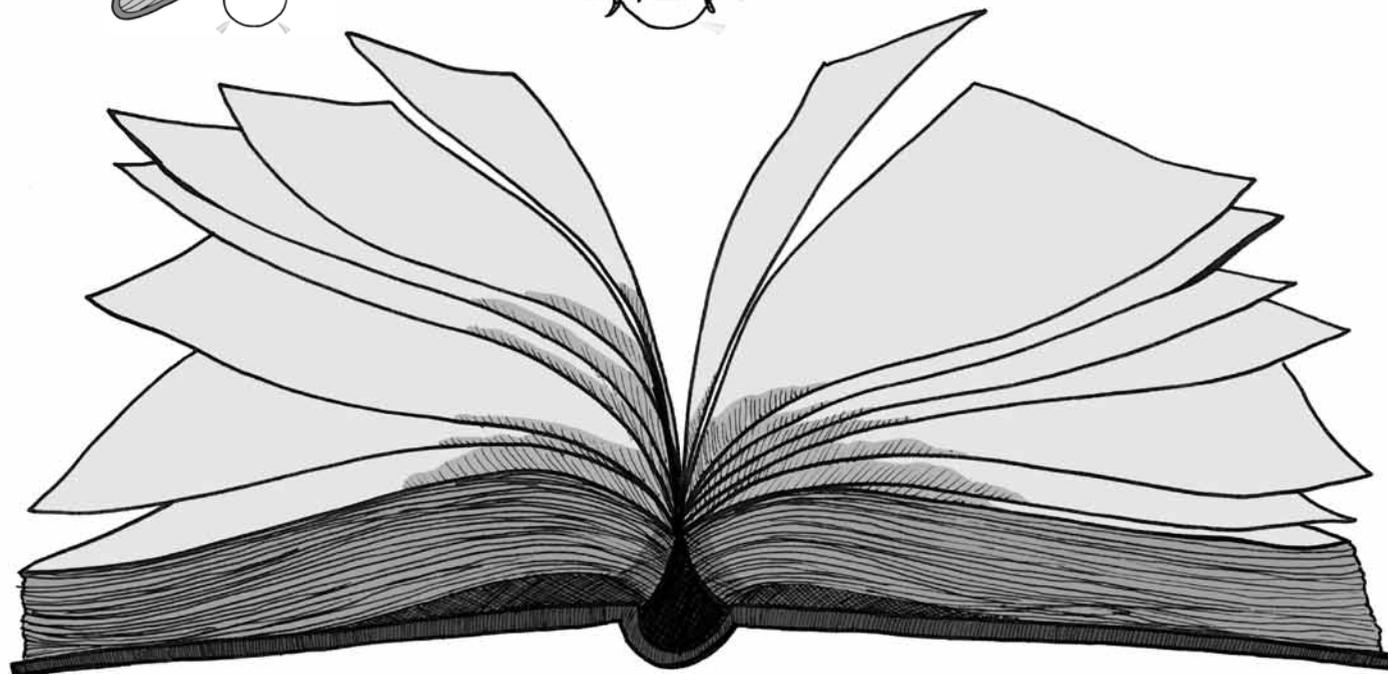
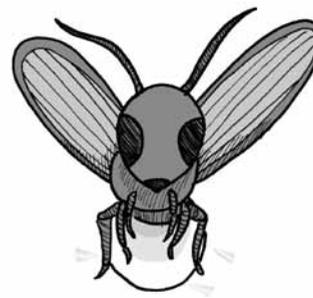
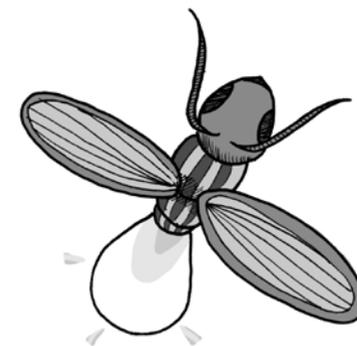


Tirou os óculos e olhou para meu pai e para meu avô, uma vez que ele achava que eu não estava ouvindo nada: “Poleá não é do árabe, é do malaio, e quer dizer plebeu, vagabundo, estes significados pejorativos, afinal não se vai querer que os lexicógrafos falem bem da plebe, né?. Qual é a última?”. “Vizir”, disse meu pai. “Ah, sim, já notaram que estas duas, paxá e poleá, eu tirei das minhas anotações, pois o padre Raphael Bluteau não os acolheu em seu dicionário.”

O padre não parava de coçar o rosto e a cabeça, continuou bisbilhotando o dicionário e disse por fim: “Vizir quer dizer governador entre os árabes; algo como o nosso Irineu Bornhausen”.

Era abril de 1953. Não sei quando eu nasci exatamente, mas neste dia eu nasci para as letras, ao descobrir que todas as palavras que eu desconhecia estavam sepultadas num livro grosso, que era como uma pessoa mais velha, muito mais velha do que meu avô, a quem a gente recorria em busca do que não sabia.

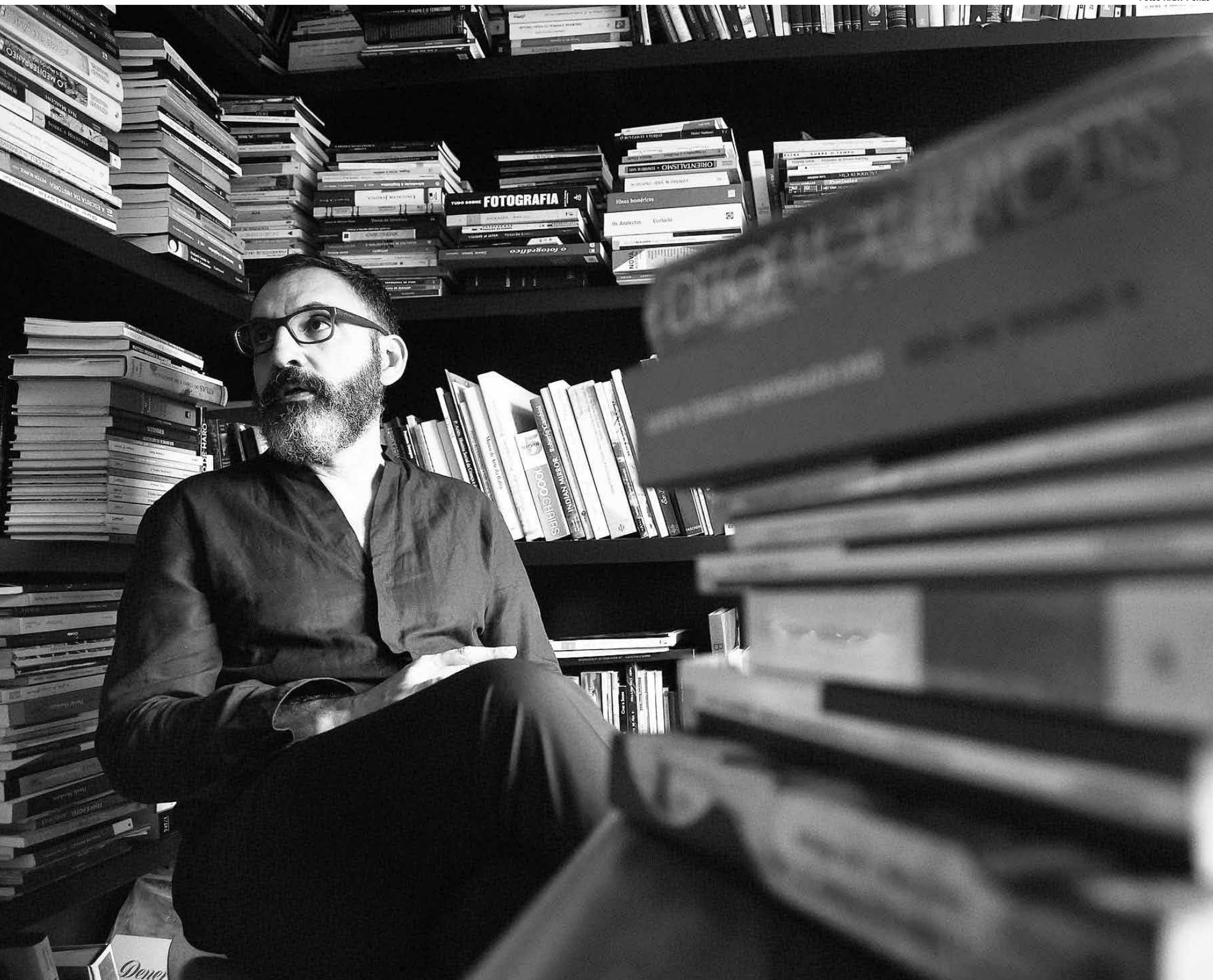
E silenciosamente o dicionário revelava o que procurávamos, tirando de cada jazigo daquele imenso cemitério a palavra que deveria viver de novo, nem que fosse por breves momentos. Eram pequenas ressurreições e brilhava em cada uma delas a centelha divina, pois quem, a não ser uma mente superior e generosa, poderia ter o projeto de guardar deste modo o saber para quando dele a gente precisasse? ■





# NA BIBLIOTECA DE BENEDITO COSTA

Fotos Kraw Penas





# Acervo seletivo

A biblioteca de Benedito Costa, reduzida hoje a “apenas” três mil títulos, revela o repertório do professor universitário e escritor, há muito tempo interessado em fotografia, cinema, artes plásticas e literatura, incluindo também as pesquisas do universo acadêmico

KAYPE ABREU

**P**rofessor universitário em Curitiba, Benedito Costa conseguiu que sua biblioteca fosse, ao mesmo tempo, fonte de pesquisa e de satisfação pessoal. O acervo é dividido entre clássicos da literatura universal do século XX, obras sobre História da arte e um grande número de livros acadêmicos.

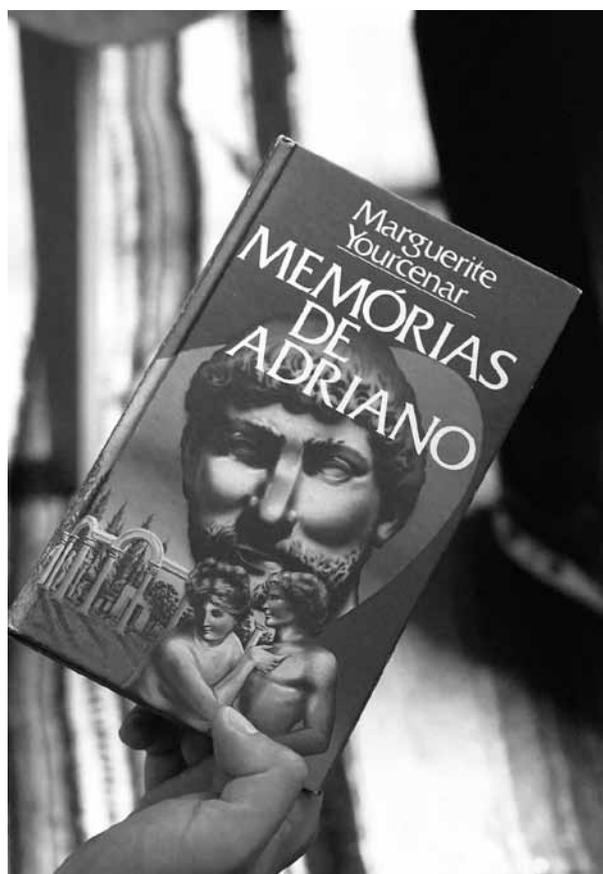
Formado em Letras e dono de uma empresa de consultoria de língua portuguesa, ele prestou serviço por duas décadas para a Rede Paranaense de Comunicação (RPC) e lá praticamente construiu sua carreira. Ao longo dos anos, acumulou milhares de livros. Mas uma recente mudança de residência o obrigou a se desfazer de boa parte do acervo, que hoje conta com três mil exemplares.

Atualmente, diz, tem uma biblioteca “mais direcionada”, que revela um gosto por pesquisas acadêmicas e por assuntos eruditos. “A bordadeira faz um bordado tantas vezes que ela se torna especialista naquilo. Um literato

é um artesão também, um profissional da palavra”, conta o autor da coletânea de contos *Diante do abismo* (2011).

Ainda na infância, Costa, que nasceu em Quatiguá (PR), descobriu em casa um velho baú com livros repletos de imagens, que os seus pais, mesmo não sendo leitores, guardavam. Foi a porta de entrada para o mundo das artes, da fotografia e da literatura. Três paixões que o perseguem até hoje e que Costa tenta conciliar em sua rotina de trabalho. “Em minhas aulas, misturo literatura e artes plásticas, literatura e fotografia, literatura e cinema. Estou sempre fazendo esse jogo entre texto e imagem”, diz.

Por conta de uma revista que vendia edições da extinta editora Círculo do Livro, adquiriu seus primeiros exemplares — grande parte de romances policiais. Com o primeiro emprego, passou a gastar quase todo o salário em livros. Hoje afirma trabalhar para poder saciar duas paixões: ler e viajar.



### Obra completa, Shakespeare (1564 – 1616)

“Tenho uma edição de Shakespeare muito antiga. É do século XIX. Uma das primeiras coisas que eu comprei”, diz Costa. Considerado o mais influente dramaturgo do mundo, William Shakespeare morreu há exatos 400 anos (23 de abril de 1616). Segundo o crítico americano Harold Bloom, o autor de *Hamlet* “inventou para nós uma nova origem, na ideia mais iluminada até hoje descoberta ou inventada por um poeta: o autoconhecimento gerado pela autoescuta”.

### Memórias de Adriano (1951), de Marguerite Yourcenar

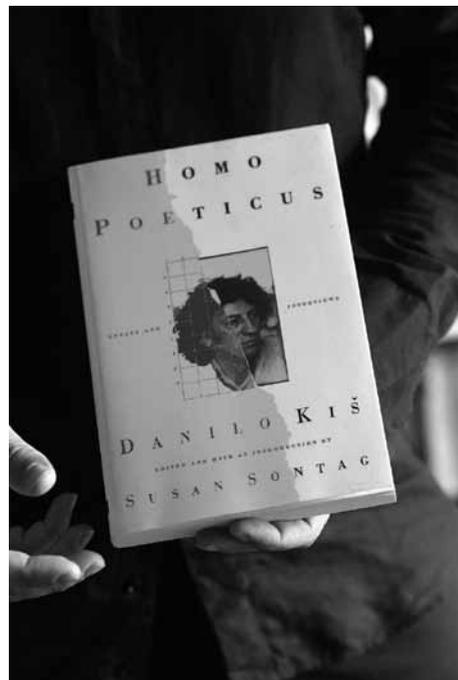
“A autora fez uma pesquisa sobre o imperador romano Adriano (76dc-138dc). Foi uma das primeiras coisas que li dela. O que me atrai na Marguerite Yourcenar (1903-1987) é a qualidade da linguagem literária e a grande pesquisa que faz antes de escrever.” Obra-prima da escritora belga, *Memórias de Adriano* começou a ser escrita em 1920 e, após inúmeras versões, foi lançada em 1950. Escrita como se fosse uma biografia do imperador, a obra é considerada um retrato emocionante e humanista de uma das maiores personalidades de todos os tempos.

### Os Buddenbrooks (1901), de Thomas Mann

“Thomas Mann é um dos maiores autores do século XX. Dentro da literatura alemã moderna, ele foi um dos autores mais relevantes. Foi muito prolífico, escrevendo obras fundamentais para entender o Ocidente e a história da Europa no século XX. Lançado em 1901, é o primeiro romance do autor de *A montanha mágica*.”

### Corydon (1924), de André Gide

Nobel de Literatura de 1947, André Gide (1869-1951) foi romancista e fundador da prestigiosa editora Gallimard. Homossexual assumido, o francês foi um militante da causa gay. “Corydon reúne vários ensaios sobre a homossexualidade, escritos ao longo de mais de 10 anos e publicados em formato de livro em 1924. Este foi o primeiro livro de um grande autor que eu ganhei. Presente de minha irmã.”





### Sagarana (1946), de Guimarães Rosa

“Sagarana foi um marco. Uma mudança na forma como eu entendia literatura. Não gostava de literatura brasileira. Comecei a me interessar por causa desse livro. Um dos assuntos que eu mais estudei na vida toda foi religião. Guimarães Rosa (1908-1967) é um escritor extremamente místico e isso acabou me atraindo muito.”

### Vida de Michelangelo Buonarroti (1550), de Giorgio Vasari

“Giorgio Vasari foi o primeiro historiador de artistas da Renascença. Nessa obra ele fala dos principais nomes do período.” Documento histórico, a biografia de Michelangelo Buonarroti, escrita por Vasari em 1550 e novamente em 1568, procura situar o artista no centro da história da arte italiana, colocando-o como o ponto de chegada de um ciclo histórico de três séculos.

### A ordem do discurso (1970), de Michel Foucault

“A ordem do discurso (1970) é a transcrição de uma palestra que Michel Foucault (1926-1984) fez quando assumiu uma cadeira no Collège de France. A obra é um resumo do trabalho dele até então.” Foucault, em seus livros, interroga as formas do poder a partir dos problemas da loucura, sexualidade e da penalidade, analisando a sociedade moderna.



# Faça, divulgue e venda você mesmo

Divulgação | Daia Oliver



Comandadas por escritores, ilustradores e designers, as microeditoras independentes vem ganhando terreno (e prêmios) com produtos de alta qualidade gráfica e soluções criativas para enfrentar o problema da distribuição

OMAR GODDY

**A**s empresas são pequenas e os negócios, não tão grandes assim. Mas quem sempre pensou em fundar uma editora tem encontrado um ambiente cada vez mais favorável para a realização desse projeto. Graças às novas técnicas de impressão e à popularização da internet, uma geração inteira de editores independentes surgiu nos últimos anos no Brasil, inclusive fora dos grandes centros. À frente das chamadas microeditoras, eles vêm se caracterizando principalmente pela qualidade gráfica de seus produtos e por utilizar estratégias alternativas de distribuição — sempre o grande gargalo da produção cultural no país.

A editora paulista Patuá, por exemplo, abriu um bar para sediar seus eventos de lançamento. Também de São Paulo, a Lote 42 montou um ponto físico numa banca de jornal reformada, que vende os produtos da empresa e de outras “micro” do Brasil inteiro. A carioca A Bolha optou pela mobilidade: com um carrinho de sorvete adaptado, percorre as ruas da cidade oferecendo livros para o público em geral. Isso sem contar as vendas pela internet (impulsionadas por ações nas redes sociais) e o surgimento de feiras especializadas em arte impressa e publicações artesanais.

Vale tudo para fugir das redes de livrarias, que ficam com cerca de 50% do valor de capa de cada livro comercializado. Mesmo o expediente de usar o espaço de uma grande loja apenas para promover o lançamento de uma obra

vem sendo abandonado, já que os lucros com as vendas durante esses eventos também são divididos de forma desvantajosa para os independentes. “Nós somos como pulgas nessa arena de gigantes. Foi a internet que começou a deixar as coisas mais equilibradas”, afirma João Varella, 31 anos, sócio da Lote 42 com Thiago Blumenthal e Cecilia Arbolave (todos jornalistas).

Varella ainda cobria a área de economia e negócios quando o plano de criar a editora começou a ser desenhado. “Como o meu dia a dia era conversar com administradores e empreendedores, aproveitei essa espécie de MBA informal para buscar o máximo de informações possíveis. Cheguei à conclusão de que o *e-commerce*, apesar de ainda responder por uma porcentagem pequena das vendas, não estava indo mal. Só estava sendo mal explorado”, conta.

De olho nessa brecha, os sócios apostaram na usabilidade de sua loja virtual e no relacionamento com o público das redes sociais. Em 2014, a empresa virou notícia durante a Copa do Mundo por prometer 10% de desconto em seus produtos para cada gol que o Brasil sofresse durante a semifinal com a Alemanha. Com a goleada de 7 a 1, a procura pelos livros foi tão grande que o número de acessos derrubou o servidor do site — e, mesmo com algum prejuízo, a Lote 42 acabou ganhando muito em visibilidade.

No final daquele ano, o trio sentiu que deveria ir além da internet e abriu

a banca Tatuí, no centro de São Paulo, onde hoje são vendidos livros, jornais, revistas e fanzines de 140 editoras independentes de todo o país. “Não vemos barreiras e não temos cerimônia de entrar em todas as áreas”, diz Varella. Essa disposição inclui a própria linha editorial da Lote 42, que publica poesia (André Dahmer), quadrinhos (Bruno Maron, Alexandra Moraes), romance (Ricardo Lísias) e investe em livros de acabamento artesanal ou design inovador.

Este último segmento, segundo Varella, acompanha uma “nova relação das pessoas com o consumo”. Ele se refere ao interesse crescente por alimentos orgânicos, produtos feitos por demanda, presentes personalizados, etc. Nesse cenário de economia “sustentável”, o livro enquanto objeto de arte é um dos itens mais valorizados. Vide o sucesso das feiras de arte impressa, organizadas em todo o Brasil e que se desdobram em oficinas de editoração (ver página 26).

“É um mercado novo, que está se formando no Brasil. O campo de atuação dos independentes ainda é formado por seus próprios consumidores”, afirma Sabrina Carvalho, 35 anos, da editora recifense Livrinho de Papel Finíssimo. Ou melhor: “coletivo editorial”, como ela prefere chamar o grupo de cinco integrantes, especializado em “trabalhos autorais diferenciados, seja forma ou no conteúdo”. De acordo com ela, o barateamento das tecnologias de impressão embaralhou os conceitos de livro e fanzine. “O livro se libertou do seu formato

Divulgação | Publique-se!



Produzido pelo coletivo pernambucano Livrinho de Papel Finíssimo, o evento Publique-se! contou com um ateliê para a produção “instantânea” de publicações alternativas.

tradicional e buscou novas soluções gráficas, enquanto o fanzine se sofisticou e quase virou um livro”, explica.

Criado há cerca de 10 anos, o coletivo ganhou corpo depois de participar de um edital municipal de cultura. O apoio veio na forma de uma máquina de fotocópias, que ficou à disposição da Livrinho durante três meses — tempo suficiente para a produção dos primeiros títulos. Hoje, já são mais de 120 obras publicadas, nas áreas de literatura, ilustração, HQ e artes gráficas em geral. No ano passado, por meio de outro edital, o grupo realizou o festival Publique-se!, que durante uma semana promoveu debates, oficinas e exposições.

Recorrer a editais e leis de incentivo, no entanto, não é uma prática comum entre as microeditoras. A própria Sabrina faz questão de dizer que a Livrinho só utiliza recursos dessa natureza para desenvolver “atividades paralelas”, como eventos e cursos. “Em toda nossa história, só três livros foram publicadas dessa forma. São exceções”, enfatiza. Mas há quem repudie totalmente a ideia, como o dono da editora Mondrongo, de Itabuna (BA), Gustavo Felicíssimo, 45 anos. “Sou produtor cultural, minha especialidade é a adequação de projetos voltados para as leis de incentivo. Mesmo assim, desisti de participar de editais há três anos”, revela.

Ele vê uma “movimentação malféica” em torno desses recursos, e lamenta que parte do cenário literário dependa deles para existir. “Estamos vendo o surgimento de ‘editoras de editais’ e até de ‘escritores de editais’. Isso é muito pobre, além de comprometer o

futuro da literatura”, diz. Na ativa desde 2011, a Mondrongo foi concebida para ser um braço editorial do Teatro Popular de Ilhéus, uma das instituições culturais mais conhecidas da Bahia. Há três anos, desvinculou-se do grupo e hoje é conduzida apenas por Felicíssimo, que prioriza a literatura nordestina acima de tudo.

“Literatura não se faz de cima para baixo. Raramente um autor extrapola os limites de sua região. Não tenho ilusões quanto a isso”, justifica, ressaltando que 70% do faturamento da empresa vem justamente de eventos de lançamento realizados na região sul do estado. No final do ano passado, ele viu o nome da Mondrongo entrar definitivamente no mapa literário nacional após a premiação de dois títulos da editora. *A dimensão necessária*, do poeta João Filho, venceu o Prêmio Biblioteca Nacional. E *Canção de ninar estátuas*, de Luiz Gilberto de Barros, foi eleito o melhor livro de contos pela União Brasileira dos Escritores.

Outras seis editoras independentes (entre novatas e consolidadas) venceram categorias do Prêmio Biblioteca Nacional 2015, enquanto só duas “grandes” foram laureadas. Mas não se trata de um fenômeno restrito a uma temporada. É uma tendência que vem ganhando força a cada ano, como se pode comprovar nas listas de finalistas de premiações como Jabuti, Portugal Telecom, São Paulo e Brasília, entre outras.

Um dos nomes mais recorrentes nessas relações, a paulista Patuá já é uma das principais referências do cenário “micro”. Nada mal para uma em-

presa fundada há pouco mais de cinco anos, com um investimento modesto de R\$ 4 mil. “Montei a editora com três objetivos em mente: nunca cobrar do escritor, abrir espaço para novos talentos e entregar produtos bonitos, de boa qualidade gráfica”, conta Eduardo Lacerda, dono e “faz tudo” do empreendimento.

Depois de passar um ano inteiro apenas pesquisando processos e o mercado, Lacerda se apresentou aos leitores com uma proposta ousada para o cenário independente. A Patuá lança cerca de 10 títulos por mês, com tiragem média de 150 exemplares, que são vendidos na internet e em eventos de lançamento Brasil a fora. “A loja virtual representa uma boa parte do faturamento, mas eu dependo muito dos lançamentos para fechar as contas”, diz o editor, que já acumula 350 títulos publicados. Boa parte desse catálogo é composta por obras de autores ascendentes, como Paula Fábrio, Elisa Andrade Buzzo, Guilherme Gontijo Flores e Chico Lopes.

A importância dos eventos para a Patuá é tão grande que Lacerda decidiu abrir um misto de bar, café e livraria, o Patuscada. “Se tenho prejuízo com um livro, posso compensar na venda de bebida. No fim, as coisas sempre acabam se equilibrando”, explica. Seu próximo plano é montar uma espécie de hospedagem no local, para abrigar escritores de passagem por São Paulo. “Penso em cobrar apenas uma taxa simbólica. Ou que esses autores, em vez de pagarem, ministrem cursos gratuitos dentro do próprio espaço.”

Uma livraria-café também é o quartel-general da curitibana Arte &



Dono da Patuá, Eduardo Lacerda abriu um bar, o Patuscada, para sediar os eventos de lançamento da editora.

Divulgação | Guilherme Pupo



Os irmãos Thiago e Frederico Tizzot comandam a Arte &amp; Letra, que também é livraria e café.

Letra, que inclusive está de mudança para um local maior. “Investimos numa loja diferente das grandes redes, que estão cada vez mais parecidas entre si, e também em equipamentos para o preparo de cafés especiais. Deu certo e agora o espaço ficou pequeno para acomodar o público”, conta o editor Thiago Tizzot, 36 anos. Ele divide a sociedade com o irmão Frederico, 34 anos, responsável pelos projetos gráficos da empresa (seu trabalho para *A mão na pena*, de Dalton Trevisan, venceu o Prêmio Biblioteca Nacional 2015).

Os Tizzot entraram no mundo editorial descompromissadamente, publicando volumes historiográficos escritos por pessoas da família. Em seguida, passaram a lançar traduções de títulos estrangeiros, como um curso de “língua élfica” para fãs de J.R.R. Tolkien (Thiago também é autor do gênero de fantasia) e o guia para a produção de roteiros cinematográficos *Story*, de Robert McKee. “O *Story* foi muito bem, as livrarias de rede nos procuravam para pedir mais exemplares. Foi a partir daí que viramos uma editora de verdade. Mesmo assim, levamos cinco anos para chegar aos 10 títulos publicados”, lembra.

No ritmo de quem aprende enquanto faz, a Arte & Letra chegou à

marca de 70 títulos lançados. Um catálogo que abrange desde a literatura fantástica até a produção contemporânea paranaense (Dalton Trevisan, Cristovão Tezza, Luci Collin, Paulo Venturelli, Luiz Felipe Leprevost), passando por revistas literárias e livros artesanais. “O certo seria definir um nicho de mercado, mas a gente não conseguiria. Essa é a parte romântica da coisa: publicar o que a gente gosta, sem seguir uma ordem ou padrão”, diz Tizzot.

Outra marca da editora é o relacionamento com os grandes grupos de livrarias, algo impensável para uma “micro”. “Essas empresas não são vilãs, é preciso entendê-las e saber aproveitar o que elas têm para oferecer. É claro que um livro da Luci, ou do Venturelli, não vai estar na vitrine ou na pilha da entrada da loja. Mas é importante que ele esteja lá, disponível para quem procurar”, afirma.

Com a experiência de quem também está do outro lado do balcão como livreiro, Tizzot aponta uma certa falta de profissionalismo por parte de algumas microeditoras. “Às vezes, é difícil fazer um acerto com as pequenas. Muitas delas nem respondem aos contatos. Não adianta criar uma editora e ninguém achar seus livros”, critica. Segundo ele, a ideia de abrir uma loja veio justamente da frus-

tração de não encontrar publicações independentes nas livrarias convencionais. “As grandes são todas iguais, parecem que vendem as mesmas coisas. Hoje as pessoas buscam produtos individualizados e valorizam mais os autores locais.”

Questionados sobre os planos de expansão de seus negócios, os editores procurados pelo **Cândido** são enfáticos: a meta é se consolidar no mercado, mas o crescimento deve acontecer de forma sustentável e, acima de tudo, independente. “Existe uma ideologia por trás do que eu faço, não sou só um empreendedor”, garante Gustavo Felicíssimo, da Mondrongo.

Sabrina Carvalho, da Livrinho de Papel Finíssimo, lembra que praticamente todas as “micro” são comandadas por escritores, ilustradores ou designers gráficos. “O grande desafio é ser, ao mesmo tempo, artista e administrador”, afirma. Para Thiago Tizzot, o importante é não se descaracterizar. “Você não precisa fazer um livro de colorir para continuar lucrando. É mais interessante tentar lançar um autor novo, ou experimental, que no mínimo se pague. O melhor disso tudo é arriscar”, conclui. ■

Divulgação | Danilo Helvadjan



A Banca Tatuí, da Lote 42, vende produtos de 140 editoras independentes no centro de São Paulo.



## ESPECIAL | MICROEDITORAS

Divulgação | Publique-se!



Curso de editoração independente no festival Publique-se!, em Recife.



# Código aberto

Editores independentes apostam em oficinas de capacitação para compartilhar suas experiências e fortalecer a cena como um todo

OMAR GODDY

Inicialmente um fenômeno restrito ao *underground*, as feiras de arte impressa vêm atraindo o público “leigo” e já se espalham pelas capitais brasileiras. Mas escoar a produção de livros com tiragem limitada e formato experimental não é a única proposta de eventos como Publique-se!, Avesa, Feira Plana, Miolo(s), Tijuana, Pão de Forma, Parque Gráfico, Baronesa, Feira de Bolso, Elástica e Dente, entre tantos outros. Para a nova geração de editores, esses encontros também são oportunidades de compartilhar a experiência adquirida por meio de cursos, palestras e debates.

“Como não existe concorrência nesse meio, nossa lógica é a da troca”, explica Eduardo Lacerda, da editora Patuá, nome recorrente na programação das prin-

cipais oficinas de publicação independente. “Já dizia o poeta José Paulo Paes: ‘Só compreendo o pão se dividido’”, cita Gustavo Felicíssimo, da Mondrongo, como se complementasse o pensamento do colega. Ou seja: o código do conhecimento editorial está aberto, como se diz na linguagem dos desenvolvedores de *software*.

Boas intenções à parte, o fato é que a capacitação também contribui para o fortalecimento da cena *indie* enquanto mercado. “Se uma editora eleva a qualidade de seus produtos, ela força todas as outras a fazer o mesmo”, opina Thiago Tizzot, da curitibana Arte & Letra. Há, ainda, quem tenha assumido o papel formativo para evitar o isolamento. É o caso do coletivo de editores Livrinho de Papel Finíssimo, de Recife, que apostou nos cursos há alguns anos e já colhe os frutos

desse trabalho. “É uma alegria ver o cenário recifense crescer. Não somos mais os únicos na cidade”, festeja Sabrina Carvalho, uma das integrantes do grupo.

Em outubro de 2015, a Livrinho foi além das oficinas pontuais e produziu o festival Publique-se!, que durante cinco dias promoveu exposições, palestras e oficinas no Museu da Cidade do Recife. Participaram do evento empresas como Caderno Lustrado, Editora Tribo, Pé da Letra, Polvilho e Lote 42, além de quadrinistas, acadêmicos e gestores culturais. Um dos destaques da programação foi um ateliê equipado com impressoras, que permitiu a publicação “instantânea” de obras de 87 autores e artistas gráficos.

João Varella, um dos sócios da paulista Lote 42, também organiza um

encontro de “micros”: a feira Miolo(s), realizada em parceria com a Biblioteca Mário Andrade. A segunda edição, que aconteceu em novembro do ano passado, reuniu 112 editoras e contou com palestras, oficinas, mostras e até uma premiação. Para ele, as iniciativas do gênero já não são mais meros eventos, e sim “plataformas de cultura”.

Quem também usa esse termo é Eduardo Lacerda, que tem um projeto ambicioso: lançar uma incubadora de editoras na internet. “A ideia é desenvolver uma plataforma aberta, como a Wikipedia, para compartilhar todo o conhecimento que envolve a produção de um livro. É uma forma de nós, editores independentes, contribuirmos para a cultura do país como um todo”, afirma. ■

# Para sempre fanzineiro



O poeta **Sergio Cohn** fala sobre sua experiência como editor à frente da Azougue e de seu esforço para manter o espírito livre que norteou a fundação da editora nos anos 1990

Sou um fanzineiro. A própria Azougue começou como um fanzine, lá pela primeira metade dos anos 1990. Aprendi a editar recortando e colando imagens e textos batidos à máquina, xerocando as páginas criadas num precário *paste up*, para então dobrar os exemplares um a um. O delicioso trabalho manual de um fanzine pré-mundo digital. Depois, a Azougue virou revista e, já no novo milênio, editora. Mas creio que uma vez fanzineiro, sempre fanzineiro.

E o que significa isso? Um fanzineiro talvez seja, mais do que um ofício, um estado de espírito. É ter como princípio o lema *punk* “faça você mesmo”, como motor o desejo de circular conteúdos da sua predileção, de torná-los acessíveis a um grupo cada vez mais amplo de pessoas, uma rede de criadores e amantes dessa pequena arte da edição independente. É uma predisposição a não se respeitar os padrões de edição, seja mancha de texto, hierarquia da informação, verticalidade da leitura, indexação, viabilidade econômica ou formas de distribuição. E pensar o quase impossível retorno financeiro como consequência, e não como causa de qualquer projeto ou trabalho.

Com o tempo, a Azougue cresceu, chegou a ter vários funcionários,

a publicar dezenas de títulos por ano. Mas, na essência, pouco mudou. O prazer ainda está em criar encontros e em trazer a público autores e conteúdos pouco conhecidos, sejam eles redescobertas ou novidades. E também em pesquisar, chafurdar sebos e bibliotecas, tomar cerveja com os amigos, saber que um editor precisa estar na rua, trocando ideias e experiências, pensando o mundo, e não apenas dentro de seu escritório. E que o livro é apenas um dos instrumentos para uma troca ampla com a sociedade. Como bom fanzineiro, não acredito em editor de gabinete.

Abrir uma editora, constituir uma equipe profissional, traz muitos benefícios: a possibilidade de editar conteúdos mais qualificados, de alcançar um público mais amplo, de elaborar projetos de mais largo fôlego. Mas também traz muitos riscos. Para manter a estrutura, com custos altos, é preciso muitas vezes publicar mais livros do que se deveria, diversificar o catálogo, criar parcerias. Livros que são de alta qualidade, mas que muitas vezes podem não condizer perfeitamente com a linha editorial da editora. Ou que poderiam estar no catálogo de dezenas de outras editoras, sem ter a marca da intervenção cultural da Azougue. Esse ponto é essencial: uma pequena desatenção e a editora pode perder a sua identidade.

Mas não é só isso. É ter um projeto que seja conivente com os pensamentos políticos e ambientais que estão por trás de todo o trabalho. Alguns anos atrás, entrevistei Robert Bringhurst, o grande poeta e pesquisador de cantos ameríndios e da história da palavra impressa. Em certo momento, ele colocou uma questão fundamental: “Quando os livros foram originalmente produzidos, os tipos eram cortados manualmente, colocados em ordem e impressos em papel artesanal, que então eram dobrados e costurados à mão. Portanto, as edições raramente ultrapassavam umas poucas centenas de exemplares. Hoje produzimos livros em máquinas gigantescas, imprimindo 10 mil cópias por hora. Isso é provavelmente muito mais importante enquanto poluição do que enquanto disseminação da informação. As florestas que destruímos imprimindo esses livros são provavelmente muito mais sábias do que qualquer livro jamais escrito.”

Essa preocupação é bastante presente no meu trabalho: como ter uma intervenção cultural a partir do livro, com o tamanho e a eficácia certos para essas ideias e criações fluírem, mas publicando só o estritamente necessário, seja em títulos ou tiragens, sem cometer abusos que dificultam o entendimento do nosso projeto e também são violências contra o

meio-ambiente? A minha resposta tem sido o lema de Stuart Mills: “uma hora é preciso parar de crescer e ser feliz”. Ser pequeno também é uma ética em relação ao mundo.

Por tudo isso, vejo com muita alegria o ressurgimento de publicações independentes, das editoras artesanais, das feiras livres e dos coletivos. É ali que estão surgindo as experimentações mais interessantes com o objeto livro. Tenho realizado parcerias com algumas dessas editoras. Com a Cozinha Experimental, maravilhosa editora artesanal dos paranaenses Marcelo Reis de Mello e Germano Weiss, criamos uma coleção de antologias de poesia por assinatura. Serão livros mensais, de grandes autores contemporâneos, com acabamento artesanal e poemas e entrevistas. Um projeto que me interessa por me reaproximar desse universo artesanal, e também por pensar uma forma alternativa de distribuição. Com eles também estamos montando uma kombi-livraria, um projeto para rodar a cidade, criando eventos e debates e disponibilizando nossos livros.

É uma forma de se renovar, e também um jeito de enfrentar a crise que está tomando o mercado editorial. Antes de tudo, é uma forma de botar novamente a mão na massa. Afinal, como já disse, sou um fanzineiro. ■

## POÉTICA II

O poema  
também se faz  
daquele verso  
ausente,  
aquele que seria  
o ouro da poesia.

Aquele que vem subitamente  
e nos habita à luz  
da solidão.

## LEGADO

À noite se segue o dia  
como as águas abrigam  
calor e silêncio.

Resta ao homem  
a pluma da linguagem,  
ásperos navios de fogo  
que iluminam os vazios.

## METÁFORA

Num antigo verso  
falava das “pupilas da manhã”.

Hoje inverte a metáfora:  
nas tuas pupilas, Pâmela, nadam  
todas as manhãs.

## VERÃO

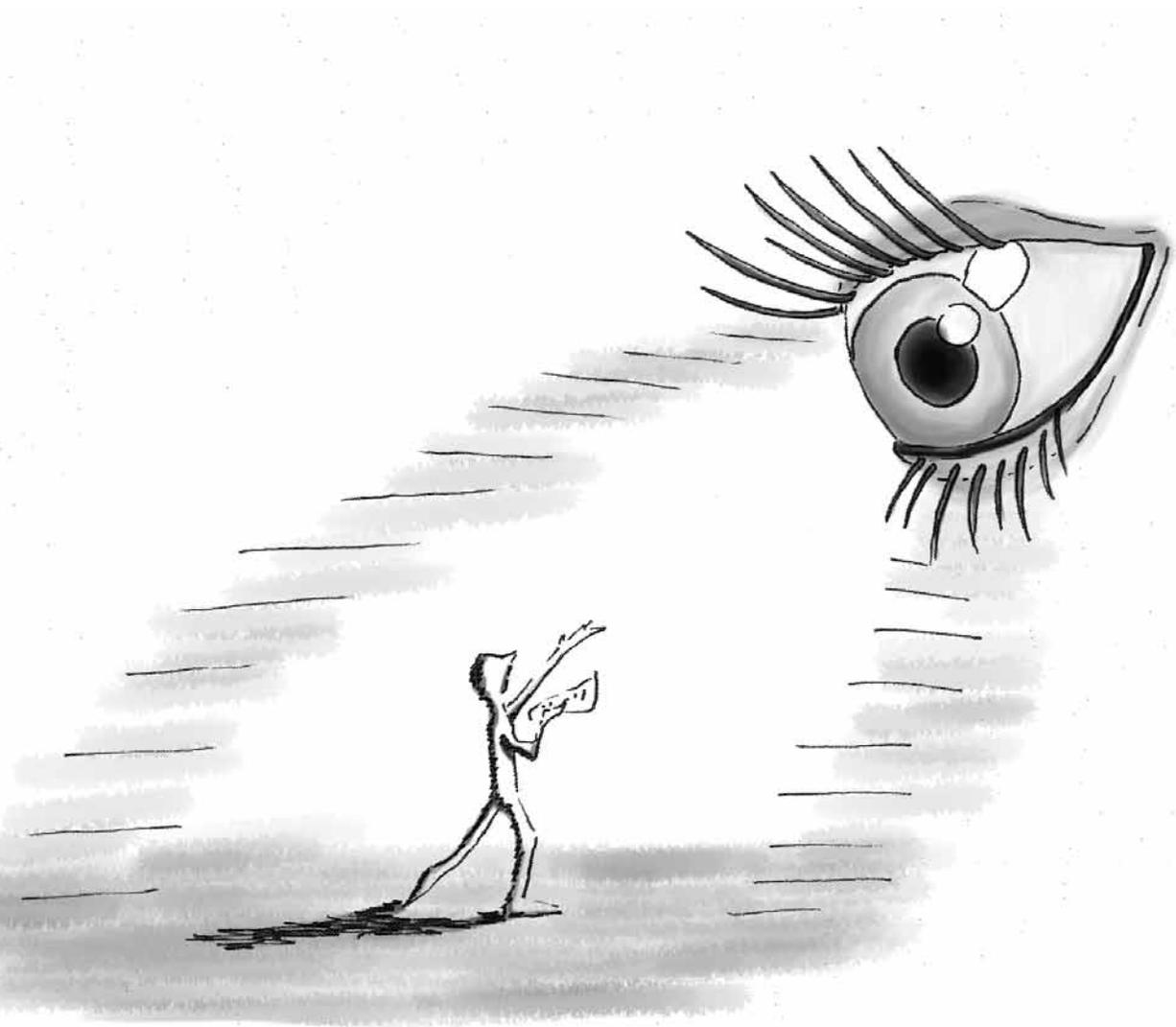
É verão  
e tento proteger o sol  
dentro de mim.

O que me aquece,  
nessa tristeza de verão,  
é o frio de aço  
das duras calçadas  
da alma.

É verão  
e as pessoas nem estão  
mais alegres.

(Tudo é claro, quente, triste!)

O sol explode  
dentro de mim  
enquanto me despeço  
das outras estações.



## ESTAÇÕES

Nem no passado  
me reconheço.

Sempre me perco,  
quando meu passado  
percorro.

No presente,  
tudo vazio  
tudo avesso,  
morro.

No futuro,  
existo e estremeço.

## POÉTICA IV

Desgosto  
de muitos poemas  
que fiz.

Este nada me diz.  
Aquele é pura mentira.  
Outros, falsos brilhantes  
que passam por lira.

## NEGATIVO

Não me vejo  
nem no espelho  
nem na fotografia.

E quando me vejo,  
vejo-me incompleto.

Aquele que lá está  
sou eu e não sou eu  
precário reflexo.



Ilustrações **André Coelho**

 **Hildeberto Barbosa Filho** é poeta, cronista e crítico literário. Membro da Academia Paraibana de Letras, é autor de diversos livros, entre os quais *Vou por aí* (crônicas) e *Nem morrer é remédio* (poesia reunida). Este ano lança a coletânea de poemas inéditos *Dançar com facas*, pela editora Mondrongo. Vive em João Pessoa (PB).

# Escrevendo com chuteiras

Presente no imaginário nacional, o futebol também desperta cada vez mais o interesse dos escritores, a atenção do público leitor e o mercado editorial como um todo — há até quem considere que livros sobre o esporte podem se tornar porta de entrada para o universo da leitura

MURILO BASSO



O jornalista e cronista Mario Filho, irmão de Nelson Rodrigues, é autor de *O negro no futebol brasileiro*, obra lançada em 1947 e que foi pioneira em ressaltar a importância dos descendentes de africanos para a originalidade do esporte mais popular do país.

O treinador Renê Simões acredita que, mais difícil do que escrever um livro sobre futebol, é encontrar um brasileiro que não tenha interesse pelo assunto. “Então, se você já tem o público, está com meio caminho andado para que o livro [sobre futebol] possa fazer sucesso”, diz o autor de *Do caos ao topo*, sobre a trajetória do Coritiba na Série B de 2007, e de *O dia em que as mulheres viraram a cabeça dos homens*, a respeito da saga da seleção feminina de futebol nas Olimpíadas de Atenas em 2004.

Onipresente no imaginário dos brasileiros, o futebol também invadiu o mercado editorial. Uma consulta rápida no site de qualquer livraria mostra diversos títulos sobre o tema, dos já clássicos *Futebol ao sol e a sombra*, de Eduardo Galeano, e *O negro no futebol brasileiro*, de Mario Rodrigues Filho, a obras mais recentes, como *Guia politicamente incorreto do futebol*, de Leonardo Mendes Junior e Jones Rossi, e *Glória roubada — o outro lado das copas*, de Edgardo Martolio.

De acordo com Simões, não é difícil para um livro sobre o futebol obter sucesso. Ele, inclusive, apresenta uma

receita para um autor marcar o “gol”: “O segredo é ter a capacidade de fazer o leitor se inserir na cena: imagine um torcedor fanático ser transportado para dentro de um vestiário, para uma final de campeonato, para a cabeça de um treinador minutos antes de começar uma partida: é algo realmente fascinante para aqueles que amam o esporte.”

Essa “fórmula” é a ideia que sustenta *O Botafogo de 95*, lançado no ano passado pelo jornalista Thales Machado. Para o autor, não se trata apenas de um livro sobre um título, mas sim um relato sobre histórias esquecidas. “Tem algo para ser contado além do trivial, além do ‘Botafogo ganhou do Santos em 1995 e foi campeão brasileiro’”, diz.

## Acesso à leitura

Autor de *O inverno da esperança: como a Copa do Mundo de 1950 chegou ao Brasil e por que ela partiu o coração do país*, o jornalista Maurício Brum tem uma tese: livros a respeito de futebol podem ser uma porta de entrada para o universo da leitura. “Quantos meninos que correm com uma bola nos pés e acham literatura um tédio não pensariam diferente se o livro em

## JUCA KFOURI INDICA

Juca Kfouri, colunista da *Folha de S.Paulo* e um dos mais renomados comentaristas esportivos do Brasil, a pedido do Cândido, indica três obras literárias que possuem o futebol como elemento narrativo:



**Como o futebol explica o mundo, de Franklin Foer**  
 “Uma reportagem extraordinária feita em todas as partes do planeta para explicar corrupção, conflitos religiosos, violência e preconceitos.”



**Veneno remédio: o futebol e o Brasil, de José Miguel Wisnik**  
 “Uma aula sobre sociologia do esporte que dissecou a paixão nacional.”



**A dança dos deuses, de Hilário Franco Júnior**  
 “O futebol brasileiro dos pontos de vistas político, sociológico, antropológico e psicológico.”

questão fosse sobre um tema que lhes é tão caro? Em vez do insuportável *A moreninha* [romance de Joaquim Manuel de Macedo], ofereçam nas escolas os *Contos de futebol*, do Aldyr Garcia Schlee. Não tenho dúvidas de que esse é um caminho para formar leitores”, argumenta.

Marcos Neves, autor das biografias dos jogadores Heleno de Freitas, Alex e Renato Gaúcho, concorda com a tese de Brum. “Muitas crianças leem apenas por obrigação. E, para motivá-las a ter esse contato com os livros, poderíamos apresentar obras sobre futebol. Afinal, lendo a história do seu clube ou de seus ídolos, elas poderiam desenvolver o hábito da leitura”, afirma.

Maurício Brum analisa que esse boom de livros sobre futebol não diz respeito apenas ao fato de haver mais pessoas escrevendo sobre o tema, mas ao fato de que há mais espaço para difusão de textos a respeito desse esporte. Daniel Cassol, coautor — ao lado de Douglas Ceconello — do livro *Inter hoje & sempre* lembra que a ampliação de espaço para o futebol no mercado editorial também teve uma ajuda do meio acadêmico. “Com isso, o esporte vem deixan-

do de ser um tema menor, sendo mais estudado por pesquisadores de diferentes áreas e gerando mais obras publicadas”, comenta Cassol.

### Trajatória turbulenta

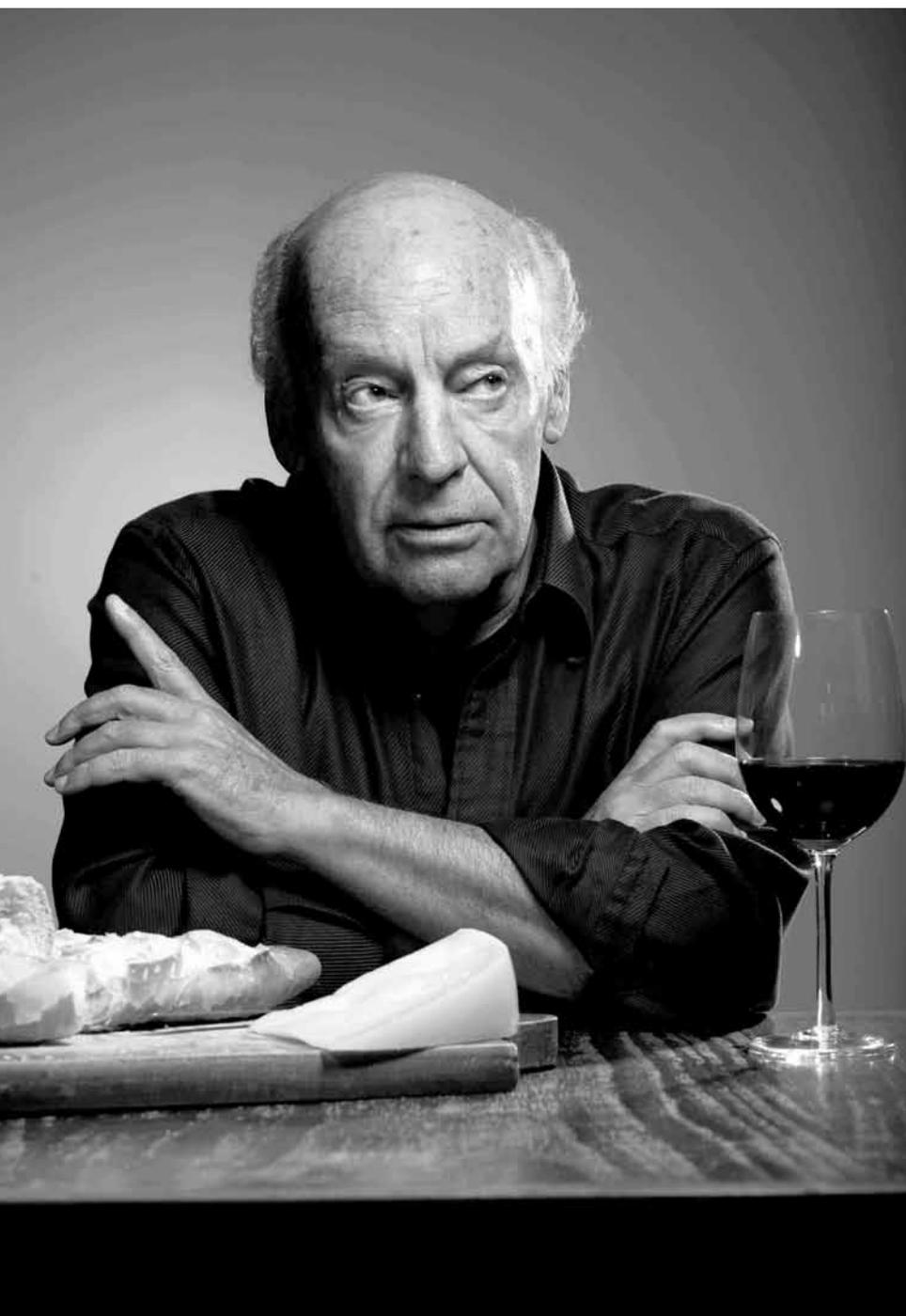
Daniel Cassol cita, entre tantos títulos disponíveis a respeito do futebol, dois marcos, um diferente do outro, ambos fundamentais: *Estrela solitária*, a lendária biografia sobre Garrincha escrita por Ruy Castro, e *O segundo tempo*, ficção de Michel Laub,

que apresenta a história de um adolescente que precisa contar ao irmão mais novo que a família deles está se esfacelando — isso em meio ao chamado Grenal do Século, como ficou conhecido o clássico de 12 de fevereiro de 1989, entre os os dois times gaúchos.

Mas, realmente, antes do surgimento de *Estrela solitária* e *O segundo tempo*, entre tantos títulos a respeito do futebol, muita bola rolou dentro, e fora, dos campos brasileiros desde que o esporte chegou ao Brasil no fim do sé-

culo XIX. Apenas na década de 1930 começariam a acontecer os primeiros flertes entre o futebol e os escritores, que aos poucos, mais irreversivelmente, começariam a pensar e a tentar interpretar o Brasil a partir do esporte.

“Essa sinergia é fundamental. Afinal, qualquer assunto, da política à economia, pode ser traduzido à luz usando o futebol como metáfora”, avalia o professor adjunto dos programas de pós-graduação (mestrado e doutorado) em História e Educação Física da Universidade Federal



Em *Futebol ao sol e à sombra*, o uruguaio Eduardo Galeano problematiza o futebol a partir dos conflitos e das paixões que o esporte desperta nas pessoas. O livro também traz ao leitor um olhar apurado de craques como Pelé e Di Stéfano.

do Paraná (UFPR) André Mendes Capraro.

Fora dos gramados e dos estádios, no início do século XX, a literatura brasileira também atravessava um período de transição: por um lado, influência das tendências artísticas originárias do século XIX e, do outro, a influência modernista, proporcionada pela Semana da Arte Moderna de 1922. “Em sua esfera particular, a produção literária tentava estabelecer relação com o social, a política e a realidade regional brasileira”, completa Capraro.

Apesar de tal cenário sugerir que o futebol se tornasse assunto e até mesmo personagem de obras literárias, nem todos enxergavam o esporte positivamente. Graciliano Ramos e Lima Barreto se opunham à sua popularização. Barreto chegou a afirmar que o futebol era um mero catalisador de conflitos, que servia apenas para desperdiçar dinheiro público. “Um jogo de pés que concorre para a animosidade e a malquerença entre os filhos de uma mesma nação”, disse o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Já Graciliano, em sua crônica “Traços a Esmo”, carimbou: “Futebol é fogo de palha”. Para ele, o país não tinha vocação para o esporte, e — sim — para a rasteira.

#### Memória & imagem

Quando o uruguaio Horacio Quiroga escreve um conto como “Juan Polti”

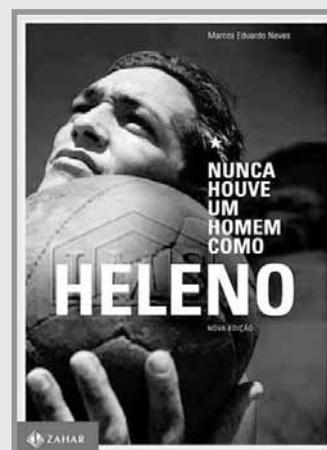
— em que o personagem é inspirado em Abdón Porte, jogador do Nacional de Montevideu que se suicidou em 1918, no estádio do clube, porque acreditava que não podia mais jogar —, ele não está apenas impedindo que a tragédia de Abdón seja esquecida, mas também revelando como o futebol era significativo na vida uruguaia, a ponto de fazer um homem tirar a sua própria vida — este, aliás, é considerado o primeiro conto sobre futebol publicado na América Latina.

Quando Sérgio Sant’Anna escreve um conto como “Na boca do túnel”, sobre as reflexões de um treinador do São Cristóvão enquanto leva 7x1 de um grande do Rio no Maracanã, ele está narrando muito mais do que uma rodada insignificante do Campeonato Carioca: na voz do treinador são colocados pensamentos sobre a cidade do Rio de Janeiro, o futebol como instrumento de ascensão social e a cultura de bairro em uma capital.

Nesses instantes, a literatura permite que o futebol seja explorado em todos seus aspectos, sejam eles sociais, humanos e culturais. “É possível olhar para além do jogo em si — ainda que o jogo em si também possa ser explorado pela literatura. Ela ajuda o futebol a sair de si mesmo, tornando-o eterno”, raciocina Maurício Brum, o que leva a uma frase, de Luis Fernando Verissimo: “o futebol pode não ser uma metáfora perfeita da vida, como querem seus poetas, mas pode-se recorrer a ele para símiles e imagens que nos ajudam a interpretá-la.” ■



“O Maracanazo é a grande história, inegavelmente. Mas, como tentei mostrar no meu livro, existe essa outra, menos lembrada, que é o próprio processo que levou o Brasil a se tornar a sede da Copa do Mundo. O país tinha sede de notoriedade no cenário mundial, dentro e fora do esporte, e a Copa surgiu como o momento perfeito para conciliar as duas coisas”, Mauricio Brum, autor de *O inverno da esperança: como a Copa do Mundo de 1950 chegou ao Brasil e por que ela partiu o coração do país*.



“Semelhança entre os três há apenas a questão do talento e que não tiveram, digamos, sorte, em Copas do Mundo. O Heleno teve sua melhor fase durante a II Guerra Mundial, então em 1942 e 1946 não houve Copa. O Renato, em seu melhor momento, 1986, foi cortado às vésperas por causa de uma noitada - ele participou em 90, mas o ataque era Muller e Careca, com Romário na reserva, então foram apenas sete minutos em campo. Já o Alex poderia ter ido para três Copas (2002, 2006 e 2010), mas não foi a nenhuma. Esse é o ponto em comum entre os três, afinal, o Heleno era de alta classe, formado em direito; Renato era um mulherengo assumido, um brigão, enquanto o Alex era calmissimo, mais família”, Marcos Neves, autor das biografias dos jogadores Alex, Heleno de Freitas e Renato Gaúcho.



“O livro narra os feitos mais relevantes da história colorada em cada dia do ano. Sempre havia alguma informação disponível, o que inclusive torna o livro interessante. Algumas datas são repletas de feitos relevantes do Inter, principalmente em dezembro, mês em que ocorreram partidas decisivas e conquistas dos títulos nacionais dos anos 70, da Copa do Brasil de 92 e do Mundial em 2006. Aliás, no livro não nos negamos a publicar as tragédias coloradas – nós, colorados que vivemos a longa noite dos anos 1990, achamos que é na derrota que se forja o torcedor”, Daniel Cassol, coautor de *Inter hoje & sempre*.



“Quis dar um título sugestivo para encorajar as mulheres a ver que elas têm a capacidade de virar o jogo. Elas são capazes de quebrar barreiras, como muitos são capazes de fazer. A surpresa ficou nesses dois pontos: primeiro no título e depois o tema, sobre futebol e ainda mais futebol feminino”, Renê Simões, autor de *O dia em que as mulheres viraram a cabeça dos homens* e de *Do caos ao topo*.



“É um título muito marcante para mim, como criança torcedora de futebol. Tinha oito anos em 95, talvez este seja o ano formador do meu caráter como torcedor. Tanto que, no lançamento do livro, uma menina disse ‘Agora vou poder afirmar que 1995 foi o ano mais feliz da minha vida’. Perguntei o por que ela não poderia fazer tal afirmativa antes do livro, e ela respondeu: ‘1995 foi o ano mais feliz da minha vida, mas eu nasci em 2000’”, Thales Machado, autor de *O Botafogo de 95*.

## DUAS METADES

1.

No espelho do quarto,  
rosto cindido,  
as duas metades da manhã:  
a que emerge da noite  
e a outra, já sol a pino.

2.

Na mesa da copa,  
fruto partido,  
as duas metades da maçã:  
a que se agarra ao galho  
e a outra, murcha no chão.

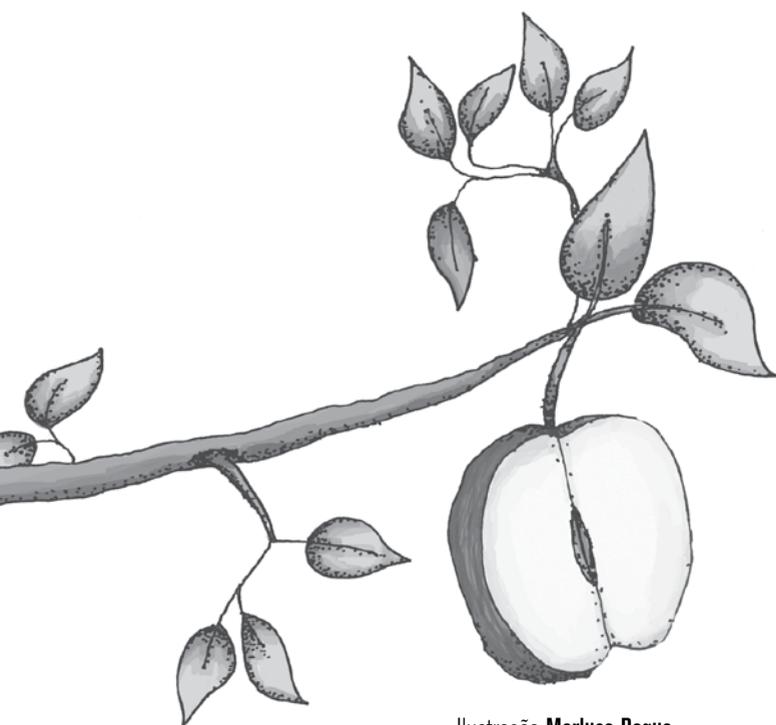


Ilustração Marluce Reque

## RECADO NO PISO

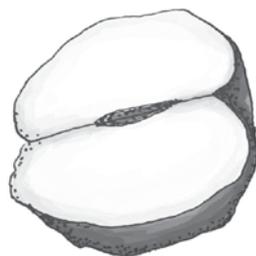
Os cabelos,  
no chão do banheiro,  
propõem enigmas  
a decifrar.

No acaso da queda,  
ao toque do vento,  
fios longos ou curtos,  
claros ou escuros,  
compõem sua trama,  
um convite ao devaneio.

\*

(Ontem,  
minha filha dormiu aqui.

Deixou um recado no piso,  
de sonhos e cismas,  
apelos  
e silêncios.)



## SANGUE NA GUELRA

*para Alice Gonçalves Corrêa*

“Ela tem sangue na guelra”,

ouvi certa vez minha avó dizer  
(seu acento levemente português)  
já não lembro a respeito de quem.

Pois eu, menino,  
se sabia o que era “sangue”,  
estranhei aquela “guelra”.  
Sangue na guerra?

E repeti, concentrado, mentalmente:  
“guelra”, “guelra”, “guelra”, “guelra”...  
até a palavra se dissolver.

Um dia, caminhando  
pela praia de Guaratuba,  
alcançamos a aldeia dos pescadores,  
os barcos recém atracados,  
as barracas apinhadas de pescado.

“Sangue na guelra”,

ela disse, outra vez,  
e enfiou os dedos por detrás  
de um dos lados da cabeça do peixe,  
que se debatia, aflito,  
entreabrindo ali umas lâminas  
vermelhas, viscosas,  
que palpitavam:

“Sangue na guelra”.

## UM BARALHO, QUATRO CANALHAS, E UMA GARRAFA DE CONHAQUE

A este coube  
embaralhar as cartas.  
Àquele, cortar  
e ajeitar o monte.

Então, o terceiro  
comprou.  
O quarto comprou.  
Comprou também o primeiro.  
E aquele que veio  
depois do primeiro.

Agora é ver  
quem tirou o ás de ouros.  
Quem, a dama  
de copas.  
Quem, o sete de espadas.  
Quem,  
o dois de paus.

O vencedor leva o resto da garrafa,  
o dinheiro das apostas  
e um tiro pelas costas  
assim  
que  
deixar o recinto.

\*

*Moral da história?  
Diga você, querido leitor.*

## A LOSING GAME

*na voz de Amy Winehouse*

você me encontrou: eu te encontrei  
 você me encantou: eu te encantei  
 você se entregou: eu me entreguei  
 *love is a losing game*

você me estranhou: eu te estranhei  
 você se guardou: eu me guardei  
 você se lixou: eu me lixei  
 *love is a losing game*

você se drogou: eu me droguei  
 você se cortou: eu me cortei  
 você me queimou: eu te queimei  
 *love is a losing game*

você se matou: eu me matei  
 você me entregou: eu te entreguei  
 você me deixou: eu te deixei  
 *love is a losing game*

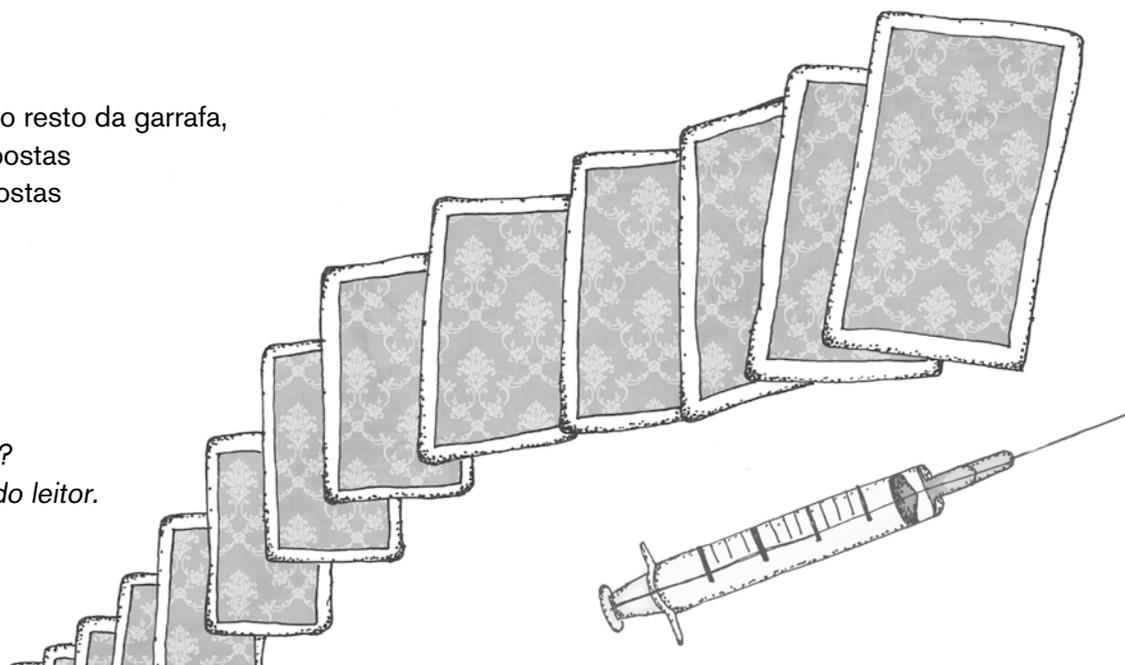
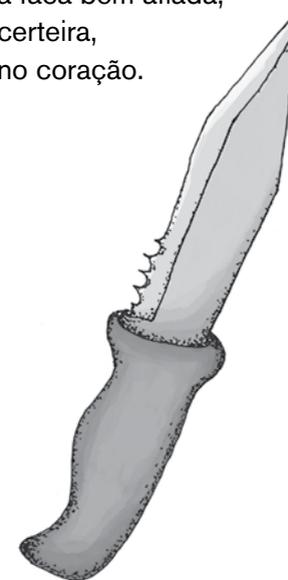
*(just a losing game)*

## E JACÓ LUTOU COM O ANJO

*para Dalton Trevisan*

Se um dia acaso precisar  
matar  
o próprio pai,  
não o mate pelas costas,  
não o faça pouco a pouco,  
não o queira  
à traição.

Mate-o pela frente:  
olho no olho,  
o hálito quente,  
a faca bem afiada,  
certeira,  
no coração.



 **Marcelo Sandmann** nasceu em Curitiba, em 1963. Publicou os livros de poesia *Lírico renitente* (2000/ 2ª ed. 2012), *Criptógrafo amador* (2006), *Na franja dos dias* (2012) e *A fio* (2014). Prepara novo livro, intitulado *Sangue na guerra*, para a Coleção Megamíni, da editora 7Letras. Sandmann vive em Curitiba (PR).

# CLIQUESES

## EM CURITIBA





 Nascido no Norte do Paraná, o fotógrafo **Rodrigo Ramirez** busca captar momentos simples no agitado cotidiano da cidade grande. "Viver em Curitiba é como viver em dois mundos paralelos: ao mesmo tempo em que ela é cosmopolita, com acesso a tudo que o mundo oferece, mantém certa aura de cidade pequena", diz Ramirez sobre a série publicada no **Cândido**. O fotógrafo nasceu em Arapongas e desde 1992 vive na capital do Paraná.

## COMETI UM ELOGIO A MIM

Ninguém ficou sabendo.  
Não enalteci tamanha conduta,  
elogio só tem quem tem direito.  
Reputava que não existia em mim  
convicção para recebê-lo.  
Confesso que há uma dubiedade.  
Uma breve tensão ocupou-se de mim.  
Loas a mim então teci,  
com meio elogio.  
Senti-me menos falível.  
Pois este meio eu mereço.  
Não é justo recebê-lo,  
quando se vale um inteiro.  
Isso me causou desumana comoção,  
uma vez que há outras frações  
abaixo de meio.  
Não posso ser tão severo com o nexo de mim,  
a tal ponto de achar que não faço jus,  
a um terço de meio elogio.  
Facultado a mim,  
com o beneplácito de minha pessoa,  
num momento excelso de resplandecência.  
Agora, se não sou merecedor,  
sequer de um décimo de elogio,  
a mim, e por mim concedido,  
num cenário de absoluta reflexão,  
é porque o elogio não é digno de mim.

Homenagem da Erasmo de Roterdã  
(1469-1536), autor de *Elogio da mentira*

 **Gerson Maciel** é poeta e cronista. Teve textos publicados em diversas revistas e jornais, como *Nicolau* e *Outras Palavras*. Prepara para este ano o lançamento de seu primeiro livro de poesia. Maciel vive em Curitiba (PR).

